



“PEÇAS DO MÊS”
DO MUSEU DO
IHMT
2013-2019

Instituto de Higiene e Medicina Tropical



DESDE 1902
INSTITUTO DE HIGIENE E
MEDICINA TROPICAL
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA



José Luís Doria

**“PEÇAS DO MÊS”
DO MUSEU DO
IHMT
(2013 - 2019)**



Lisboa, Dezembro de 2019

INTRODUÇÃO

A publicação em “e-book” das “Peças do Mês” do Museu do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, engloba as imagens e os textos publicados mensalmente desde o nº 14 do Boletim (Fevereiro 2013 a Dezembro 2019). O conjunto corresponde a 82 Boletins do IHMT que, ao darem a conhecer as atividades do Instituto serviram igualmente para divulgar a sua História e o Património.

Desde o início da Escola de Medicina Tropical (1902) que se faz referência à existência de um Museu. Na conceção da época, o Museu era fundamentalmente o repositório do material utilizado nas aulas para fins didáticos.

Com os anos alteraram-se as metodologias e as técnicas. Cada unidade de ensino e de investigação passou a reunir e a guardar o seu material didático, conjuntamente com outro equipamento de utilização própria e específica. Alguns desses objetos - para aulas e de equipamento - tornaram-se obsoletos, mas, frequentemente, a memória que carregavam impediu a sua destruição e alienação. Com maior ou menor cuidado foram sendo recolhidas em arrecadações, ou ficaram esquecidas a um canto dos gabinetes e laboratórios.

Em boa hora, por iniciativa do Professor Paulo Ferrinho, diretor do Instituto (2010-2019) e com o permanente incentivo da Professora Zulmira Hartz, subdiretora, renasceu o Museu do IHMT, agora já com objetivos de salvaguarda do património histórico da Instituição, porque quem não se conhece a si próprio e ao seu passado é incapaz de projetar eficazmente o futuro.

Atualmente, o Museu do IHMT é mais do que a reunião “de peças com história”. Tem como principais missões garantir e valorizar a proteção do acervo científico e artístico, através de atividades de documentação, inventariação, conservação, exposição, divulgação, formação e investigação, contribuindo assim para o enobrecimento da história e da cultura da Medicina Tropical, portuguesa e internacional. Do Despacho n.º 8457, de 29 de Junho de 2016, destacam-se as competências de: recolher e catalogar o espólio do ensino e da investigação do IHMT, com interesse histórico; promover a divulgação desse espólio histórico, designadamente através da organização de exposições e desenvolvendo o museu virtual.

O restauro e a preservação de algumas peças e fotografias, em maior risco de se perderem, foi desde logo uma preocupação maior, como o foi o registo das peças numa base de dados especializada. Ambos os trabalhos se desenvolvem em continuidade, apesar da constante carência de pessoas e da insuficiência de verbas.

Estabeleceram-se contactos e parcerias com outras instituições, destacando-se o Museu do IHMT, como membro fundador, no “Grupo de Museus e Instituições de Ciência e Ciências da Saúde da Área Metropolitana de Lisboa”, da Rede de Património Ciência e Saúde. Colaboradores do Museu do IHMT, têm participado em diversos simpósios e reuniões, divulgando, também assim, o património da Instituição.

Além de alguns artigos publicados nos Anais do IHMT, a história e o espólio da Instituição foi também assunto de publicações temáticas, algumas delas disponíveis no portal do Instituto.

No espaço dos 7 anos decorridos realizaram-se no Instituto mais de duas dezenas de exposições, divulgando as peças do seu património – do Museu e dos Livros Históricos da Biblioteca. Algumas destas exposições foram especialmente dirigidas para público mais jovem, do ensino secundário. Também se acolheram exposições e coleções de privados e de instituições, nacionais e estrangeiras. Peças do IHMT viajaram para fora da Instituição, quer para integrarem mostras coletivas que decorreram na área Metropolitana de Lisboa, quer para exposição individual no interior do País. Receberam-se doações de instituições e de privados, com peças que de algum modo se ligam com a medicina e os trópicos.

Foram múltiplos os grupos que, a pedido, visitaram o Instituto, com o propósito de apreciarem as coleções do Museu expostas em permanência. Um projeto mais recente - “O Museu na Ponta dos Dedos” - de colaboração com o FabLab da Faculdade de Ciências e Tecnologia / UNL, visa tornar algumas das peças acessíveis aos deficientes visuais, produzindo reproduções táteis em três dimensões e a respetiva áudio descrição.

No conjunto, toda esta atividade ajudou na divulgação do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, do seu passado e do presente, do seu património e do trabalho que há muito o ergueram a lugar ímpar entre as instituições congéneres mundiais.

A atividade destes anos do Museu do IHMT seria impossível sem os conselhos e a colaboração dos Professores, Investigadores e Alunos do Instituto. Bem como sem o apoio de alguns funcionários, nomeadamente do Gabinete de Informática, do Gabinete de Comunicação e dos Serviços de Manutenção. O agradecimento vai igualmente para colaboradores externos que, voluntariamente, se disponibilizam para colaborar connosco e destaque o Arquiteto João Miguel Couto Duarte.

A todos Bem Hajam. Sem o vosso contributo esta edição das “Peças do Mês” não seria possível.

JOSÉ L DORIA

Ano 2013**7**

1. "Archivos de Hygiene e Pathologia Exóticas", Vol.I Fasc.1º
2. Flor e Fruto de Calabaceira, Guiné
3. Paineil da Doença do Sono em Moçambique.
4. Salamanta / Jiboia Vermelha
5. Paineil Didático. Higiene e Profilaxia Contra as Moscas
6. Modelo de Mosquito, Inseto Vetor do Paludismo
7. "Philonium ..." de Valesco de Taranta
8. Microscópio Composto Zeiss, Modelo I a
9. Modelo de "Mão em Garra" / Lepra
10. Maqueta de Maternidade Tipo (G.U.C.) – Moçambique

Ano 2014**21**

11. "Helminthologia Portuguesa", de J. M. Conceição Velloso
12. Câmara Fotográfica "de Campo"
13. "Escola de Medicina Tropical", Fotografia
14. Selo Branco da Escola de Medicina Tropical
15. Microscópio Portátil Wild, Modelo M 11
16. "Traité du Paludisme", de Alphonse Laveran
17. Cadeira Metálica de Secretária
18. Paineil Didático: "Principais Doenças Transmitidas por Insectos e Carraças"
19. "Regulamento da Escola de Medicina Tropical" - Decreto de 24/12/1902
20. Pulverizador para Inseticida
21. Primeiro Livro de Termos da Escola de Medicina Tropical
22. Pintura de Albano Neves e Sousa

Ano 2015**39**

23. Maqueta do Hospital de Bilene – Moçambique
24. "Aula Prática da Escola de Medicina Tropical", Fotografia
25. Caixa Giemsa, de Campanha, para Reagentes e Corantes
26. Candeeiro de Pés com Rodas, para Laboratório
27. "Vademecum do Cirurgião, ..." de A. J. de Sousa Pinto
28. "Hospital de Moçambique – Ilha de Moçambique", Fotografia
29. Capacete Colonial
30. Higrómetro de Daniell
31. Cartaz Árabe Sobre a Lepra
32. "Cegueira em África", Fotografia
33. Sorgo
34. Máquina de Adição ADDO-X 20

Ano 2016**57**

35. “Opera Omnia”, de Hipócrates
36. Balança postal
37. Ervilha-de-Pombo: *Cajanus Indica*
38. Termógrafo
39. Modelo do Parasita da Doença do Sono: *Tripanossoma*
40. Modelo com Tumefação da Perna / Filaríase
41. “Biblioteca da Escola de Medicina Tropical”, Fotografia
42. Jararaca / *Bothrops Jararaca*
43. Incinerador a Gás Sugg. Modelo 3700
44. Medalha Comemorativa do 75º aniversário
45. Selos Comemorativos do 1º Congresso Nacional de Medicina Tropical
46. Aparelho para Pneumotórax. Terapêutica da Tuberculose

Ano 2017**75**

47. Modelo de Pulga, *Xenopsylla Cheopis*
48. Reservatório de Água
49. Escarrador / Balde de Pensos
50. Livro de Honra dos 50 Anos do Instituto de Medicina Tropical
51. “Caneta” da Vacina Contra a Varíola
52. “Jardim Suspenso”. Litografia de Cecília Suzuki
53. Equipamento de Tradução Simultânea: Auriculares e Recetor Individuais
54. Fotografia do Museu de Anatomia Patológica de Moçambique
55. Carimbo da Escola de Medicina Tropical
56. “Tomada de Ceuta Pelos Cruzados”. Pintura de Álvaro Hogan
57. Estátua de Garcia de Orta, de Martins Correia
58. Serpente / *Psammophis Sibilans*

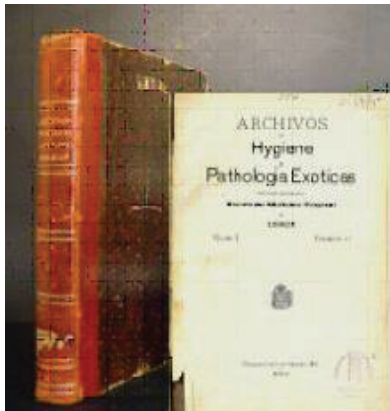
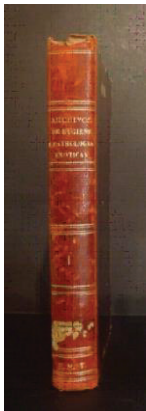
Ano 2018**91**

59. Microscópio Reichert, Modelo A
60. Frascos em Vidro Castanho. Equipamento de Laboratório
61. “Pesca Rio” e “Pesca Mar”. Pinturas de Albano Neves e Sousa
62. “Caça” e “Gado”. Pinturas de Albano Neves e Sousa
63. Balança de Torção
64. Maqueta do Hospital do Zóbuè - Moçambique
65. “Paisagem Tropical” de Manuel Lapa. Tapeçaria de Portalegre
66. Pilão / Almofariz.
67. Armadilha para Captura de Glossinas (Mosca Tsé-tsé)
68. Modelo de Tumor do Globo Ocular e da Órbita.
69. Candja (Quiabo)
70. Enxugador de Tinta / Mata-borrão

71. Painéis de Azulejos de Lino António
72. Emblema do I Congresso de Medicina Tropical.
73. Selo Branco do Instituto de Medicina Tropical
74. Armário Metálico de Gabinete / Laboratório Médico
75. Verme da Guiné, Fotografia
76. Alunos Matriculados na Escola de Medicina Tropical. Gráfico.
77. Chuveiro de Campanha
78. Cartão de Identidade da Casa do Pessoal do IHMT
79. Balança AVERY
80. "Epidemiologia da Malária". Painel dos VI Congressos Internacionais de Medicina Tropical e Paludismo
81. Cartaz Árabe Sobre a Malária
82. Centrifugadora Manual, Portátil

Ano 2013

"Archivos de Hygiene e Pathologia Exóticas", Vol. I Fasc. 1º



1 - Peça do Mês: Fevereiro 2013

Data:

1 de Outubro de 1905

Dimensões:

Encadernação com os 3 fascículos do Vol. I: A.24,2cm X L.17,5cm X E. (lombada) 3cm.

Folha de rosto do Vol. I, Fasc. 1º: A.23,6cm X L.16,2cm

1º: A.23,6cm X L.16,2cm

Inventário

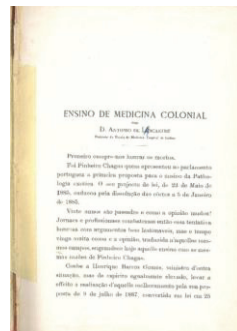
Museu: IHMT.0000179

Biblioteca (cota): C73/5

Antecedida por alguns anos de ensino de disciplinas relacionadas com a medicina tropical, a 24 de Abril de 1902 foi instituída, em Lisboa, a Escola de Medicina Tropical. A 1 de Outubro de 1905 nascem os “Archivos de Hygiene e Pathologia Exóticas” – volume I, Fascículo 1º, veículo da atividade da Escola. No contexto mundial foi a 3ª publicação do seu género a ser publicada e mantem-se a sua publicação, agora designada por “Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical”.

A encadernação do volume I dos “Archivos de Hygiene e Pathologia Exóticas” contem 3 fascículos, que correspondem aos anos de 1905, 1906 e 1907, impressos em papel “couché”, com diversas fotografias e estampas que acompanham os artigos científicos publicados e um mapa parcial de Angola, relativo à doença do sono. No 1º fascículo, um texto do Prof. António de Lencastre faz o resumo do ensino da Medicina Colonial em Portugal e traça os objetivos para o futuro.

Os Índices de todos os Arquivos e Anais podem agora ser consultados na página internet do IHMT.



Os Índices de todos os Arquivos e Anais podem agora ser consultados na página internet do IHMT.

Com esta primeira “Peça do Mês” iniciamos a divulgação do património do IHMT.

Flor e Fruto de Calabaceira, Guiné



2 - Peça do Mês: Março 2013

Data:

1957

Dimensões:

*Frasco: A 13cm X Diâmetro
base 5,8cm*

*Fruto: C 23cm (sem pé) X
Diâmetro 10,5cm*

Inventário

Museu:

Flor - IHMT.0000103

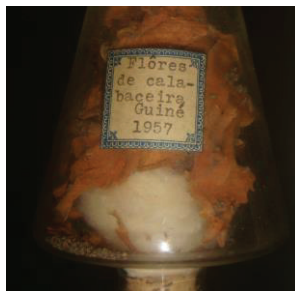
Fruto: IHMT.0000139

A calabaceira (*Adansonia digitata* L., da família das *Malvaceae*) é o nome usado na Guiné para o imbondeiro, ou árvore dos mil anos. No Senegal é conhecida por “calabassier”, mas noutras partes de África também se conhece por árvore do rato morto (dada a aparência dos frutos pendurados nos ramos), do macaco-pão, árvore da vida, kuka, ou por várias outras designações nas línguas indígenas. O fruto também é conhecido por baobá. O termo *digitata* resulta do formato da folha, que se parece com os dedos da mão.

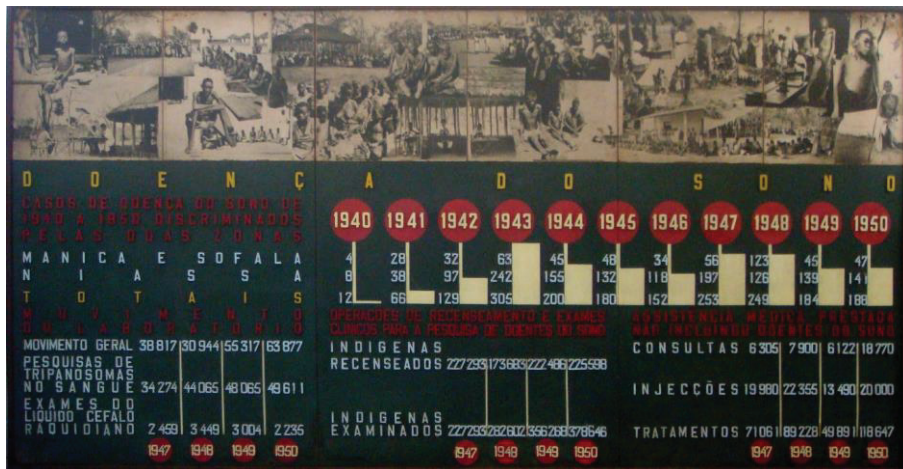
É uma árvore de enorme longevidade e de muito grande porte, com um tronco robusto e ramos grossos. As flores, de cor branca, são muito grandes, pesadas e vistosas, com um cheiro característico e incômodo (de animal morto). Os frutos, ovoides, com 15 a 30 cm de comprimento, pendem dos ramos por um longo pé e têm uma cápsula externa muito resistente, castanha. No seu interior contêm numerosas sementes redondas e duras e uma polpa branca, com um sabor ligeiramente ácido.

A calabaceira constitui uma importante fonte de alimentação para a população africana e a casca é usada no fabrico de cordas, tapetes, bolsas, chapéus, etc.

O Museu do IHMT possui, na sua Coleção de Nutrição, exemplares de flores secas guardados em frasco de vidro cónico, com a etiqueta "Flôres / de cala- / baceira / Guiné / 1957" e um exemplar do fruto.



Painel da Doença do Sono em Moçambique.



3 - Peça do Mês: Maio 2013

Data: 1952

Dimensões: A 154cm X C 305cm

Inventário. Museu: IHMT.0000459

Painel de grandes dimensões, em madeira com letras e fotografias coladas, ilustrativo das atividades do combate à doença do sono em Moçambique.

Além de elementos estatísticos sobre a assistência à doença do sono no Niassa, Manica e Sofala, durante a década de 1940 - 1950, o painel mostra ainda imagens a preto e branco que documentam aquela atividade.

Foi realizado em Moçambique com destino para a “Exposição Documental das Actividades Sanitárias do Ultramar”, por ocasião do 1º Congresso Nacional de Medicina Tropical, Lisboa 1952. De Abril a Julho de 2013 integrou a exposição retrospectiva: “Portugal no Mundo: O 1º Congresso de Medicina Tropical, 1952”, realizada no IHMT.

O Museu do IHMT possui mais dois painéis com idênticas dimensões, também recuperados por L. F. Marto em 2013, e igualmente relativos a atividades de saúde em Moçambique, executados em 1952, para o 1º Congresso Nacional de Medicina Tropical.

Salamanta / Jiboia Vermelha



4 - Peça do Mês: Junho 2013

Data

C.1950

Dimensões

A 57,5cm X Diâmetro (base) 14,50cm

Inventário

Museu: IHMT.0000062

Serpente Salamanta (*Epicrates Cenchria L.*), também conhecida por Jiboia Vermelha.

Tem uma ampla distribuição nas Américas Central e do Sul.

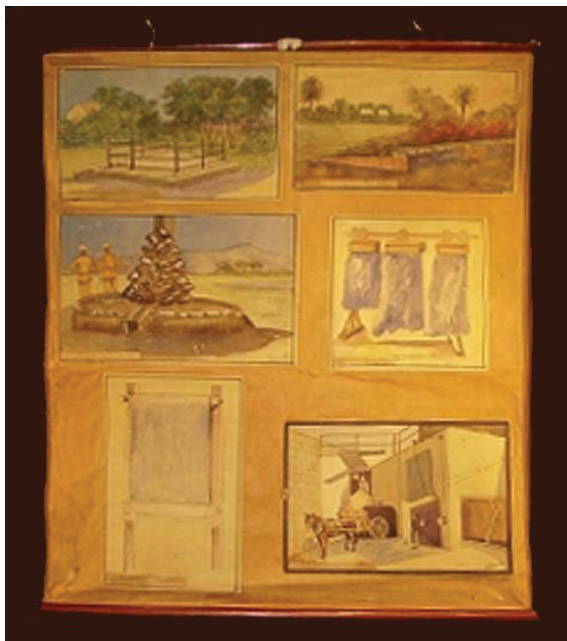
Com atividade principalmente noturna, pode morder, mas não possui aparelho inoculador de veneno, matando as suas vítimas (roedores e aves) por constrição. O seu porte médio é de 1,20m.

O frasco tem colado uma etiqueta que atesta a sua proveniência do Instituto Butantan do Brasil.



Integra um conjunto de 10 outras peças com a mesma origem, agora na coleção do IHMT.

Painel Didático. Higiene e Profilaxia Contra as Moscas



5 - Peça do Mês: Julho 2013

Data

c. 1921

Dimensões

A. 65,30cm X L. 56,50cm

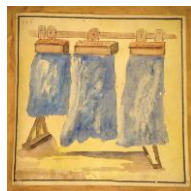
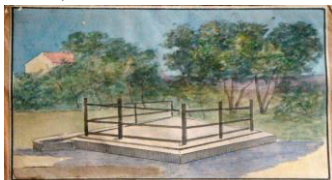
Inventário

Museu: IHMT.0000462

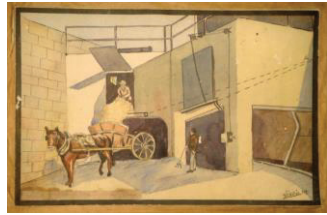
Painel didático, composto por seis aguarelas coladas sobre tela têxtil. Cada uma tem colada na parte inferior esquerda, uma etiqueta em tira de papel, com a legenda. As aguarelas dos cantos superior direito e inferior direito estão assinadas respetivamente por F. Renou e Victoria cap. Na aguarela do canto

superior esquerdo não se identifica o que foi escrito na legenda, mas representa uma plataforma com cerca em madeira, adiante de um fundo com arvoredo e um telhado. No canto superior direito lê-se na legenda: “desenterrador de grade para estrume de cavalo”. À esquerda, ao centro, a legenda indica: “incinerador para estrume de cavalo”. Ao centro, à direita, pintura com legenda onde se identifica: “receptáculos de lixo para C[...]”. No canto inferior esquerdo, a legenda da aguarela é parcialmente ilegível, porém identificamos: “teste [...] para destruição das moscas pelo arsénio de soda”. Em baixo e à direita a legenda informa: “tanques para estrume à prova de moscas”.

Este painel terá sido utilizado para as aulas da Escola de Medicina Tropical.



No espólio do IHMT existe um outro painel semelhante, igualmente com um conjunto de 6 aguarelas coladas, além de um grupo de 12 aguarelas, agora isoladas e emolduradas em separado, dos mesmos autores e que terão pertencido a outros quadros didáticos.



Modelo de Mosquito, Inseto Vetor do Paludismo



6 - Peça do Mês: Agosto 2013

Data

c. 1930

Dimensões

A 45cm X L. 50cm X F 64,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000041

Modelo, em escala aumentada, do mosquito da espécie *Anopheles Gambiae* (Giles, 1902), a principal espécie transmissora ao homem da malária ou paludismo. É ainda vetor de filariose linfática e de arboviroses. As fêmeas alimentam-se quase exclusivamente em humanos,

geralmente à noite, no interior das habitações. As larvas desenvolvem-se essencialmente em pequenos charcos de água das chuvas, ensolarados e sem vegetação.

O modelo é feito essencialmente em gesso, madeira e papel, policromados e envernizados. Na cabeça em gesso, as antenas e probóscide são em madeira e os olhos em gesso. As asas têm estrutura de arame revestida a papel vegetal, com nervuras policromadas. Cerdas de pincel reproduzem os filamentos pilosos presentes na cabeça, nas antenas, no tórax e no abdómen.

O modelo é suportado por uma haste metálica com altura regulável, que se apoia numa base retangular de madeira, onde está uma etiqueta metálica com a indicação: "PIMENTEL & CASQUILHO L^a / - LISBOA", firma na rua Eugénio dos Santos, em Lisboa, fornecedora de equipamentos escolares e equipamentos de laboratório e de precisão, técnicos, científicos, náuticos e militares.

Foi restaurado por L. F. Marto, em 2013.

A coleção do Museu IHMT possui mais três modelos de outros insetos vetores de doenças.

“Philonium ...” de Valesco de Taranta



7 - Peça do Mês: Setembro 2013

Data

1526

Dimensões

Encadernação A. 18,5cm X

L. 13,5cm X E. (lombada) 5cm

Folha de rosto A. 18cm X

L. 12,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000511

Biblioteca (cota): HMD

PHI 472/213

Valesco (Vasco) de Taranta, médico português, estudou artes liberais em Lisboa e começou a exercer medicina cerca de 1382. Em 1387 graduou-se em Montpellier, onde foi o professor mais afamado da sua época. Foi ainda protomédico na corte do rei Carlos VI, de França.

Em 1401 escreveu a seu primeiro livro, “*De epidemia et peste*”, um breve tratado sobre a peste, publicado pela primeira vez em castelhano, em 1475. Foi dos primeiros textos médicos a beneficiar da imprensa e o primeiro livro de medicina publicado em Espanha. Foi também a primeira obra médica de um português a ser impressa.

Porém, a obra mais importante de Valesco de Taranta é o “Philonium”, um tratado de patologia e práticas médicas, escrito em 1418, que alcançou grande notoriedade. Está dividido em sete partes, correspondentes a outras tantas áreas da Medicina. A 1ª edição impressa é de 1488, mas teve várias outras edições até ao final do séc. XVII, onze até ao início do séc. XVI.

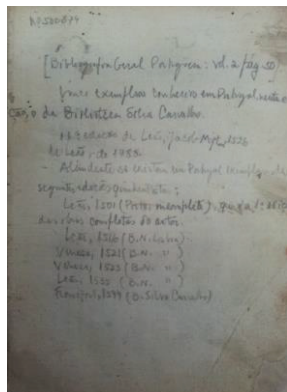
O exemplar do “Philonium. Aureu[m] ac perutile op[us] practice medicine operam dantibus: quo[d] Philonium appellatur: Quo[d] sumatissimi medici domini Valesci de Tharanta. Nouo ac dilige[n]ti examine correctu[m]. Introductorius etia[m] libellus ad practica[m] medicine partem domini loa[n]nis de tornamira...”, existente no IHMT, é o único conhecido em Portugal da edição de 1526. Foi impresso em Leão, na oficina de Jacob Myt (1508 - 1539) e contém uma introdução de João de Tornamira (c.1329 - c.1396).

A encadernação, em couro lavrado, contém na capa uma esquadria ornamental em baixo relevo e no centro uma efígie igualmente em baixo relevo, com coroa de louros. A artística folha de rosto é bicolor, de cercadura ornamental a negro e o texto no interior a vermelho. Na parte inferior da cercadura um pequeno medalhão deixava espaço para

a inscrição do dono do livro, que aqui tem inscrita a sigla CF. A lombada, com nervuras, tem gravado "PHILONIUM / OPERA MEDICIN / DO GRIVOSSONI CORREIA".

Na 1ª folha interior, notas recentes, escritas a lápis elucidam sobre edições de Valesco de Taranta e suas existências em bibliotecas portuguesas.

*Inscrições a lápis na 1ª
folha interior, sobre as
edições de Valesco de
Taranta e suas existências
em bibliotecas portuguesas.*



Microscópio Composto Zeiss, Modelo I a



8 - Peça do Mês: Outubro 2013

Data

1898

Dimensões

Microscópio: A. 33cm X L.16cm

Caixa: A.37cm X L.22cm X F.20,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000541

Microscópio estativo, com coluna e canhão em latão e base em ferradura lacada a preto. Sistema de revólver para 3 objetivas; mesa ou platina redonda, inclinável com a coluna (modelo Ia); mecanismo de cremalheiras

em “charriot”, para posicionamento da lâmina; iluminação por reflexão em espelho e sistema Abbe de condensador e diafragma. (Espelho em falta; Ocular e objetivas de datas posteriores). No canhão, a inscrição em 3 linhas: Carl Zeiss / Jena / N°19997. Caixa em madeira em mogno envernizado.

Este modelo de microscópio, produzido entre os finais do século XIX (c.1898) e primeiros anos do século XX, é contemporâneo da abertura da Escola de Medicina Tropical, em Lisboa (1902).



Depois das experiências inovadoras de Zaccharias e Hans Janssen (c.1590), Antony Van Leeuwenhoek (1632-1723), em 1674, constrói o primeiro microscópio ótico simples, permitindo ampliações até 270X. A introdução de óticas com sistemas de lentes aumentará essas capacidades, são os microscópios compostos. Na segunda metade do séc. XIX a fábrica de Carl Zeiss (1816-1888), em Jena, na Alemanha, destacou-se como a mais afamada produtora de microscópios. Após a morte de Zeiss, Ernst Abbe (1840-1905) passa a dirigir a fábrica acelerando um profundo processo de inovações que ainda mais celebrou a marca (Dos 300 empregados que tinha em 1888 atingiu, em 1900, mais de um milhar e os números de série em 1900 chegam aos 30600).

Em 1900, a Zeiss tinha 15 fabricantes de caixas/estojos em madeira, para resguardo dos instrumentos e acessórios, que fabricava.

O exemplar de microscópio do Museu IHMT, mostra também algumas das sofisticações que Ernest Abbe introduziu: - Cerca de 1880 surgem as objetivas intermutáveis por rotação (revólver) e, pela mesma época, as mesas ou platinas inclináveis (aqui no modelo Ia). As objetivas acromáticas aparecem em 1889, com o contributo de Otto Schott (1851-1935) que conseguira uma melhor qualidade na produção do vidro. Pouco depois Abbe apresenta um inovador sistema de iluminação, com diafragma e condensador.

Modelo de “Mão em Garra” / Lepra



9 - Peça do Mês: Novembro 2013

Data

Início séc. XX

Dimensões

A. 26,5cm X Diâmetro (base) 15,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000029

Modelo em cera com revestimento policromado representando a “mão em garra”, típica da infecção pelo bacilo de Hansen (*mycobacterium leprae*), lepra. De notar a contractura dos dedos devida ao comprometimento neuro muscular, ainda, a ausência de parte de um dedo e a ulceração na região tenar.

Na base circular, em madeira, há uma etiqueta com a inscrição “Nervenlepra / (Krallenstellung)”, que atesta a origem estrangeira do modelo.



Esta peça é parte de um conjunto de modelos de patologia médica, usados outrora para o ensino, na Escola e Instituto de Medicina Tropical.

Conjuntamente com outras peças do Museu do IHMT, a peça esteve patente numa exposição em Castelo de Vide, na Igreja de São João Baptista, entre 24 de Novembro, 2013 a 6 de Janeiro, 2014.

Maqueta de Maternidade Tipo (G.U.C.) – Moçambique



10 - Peça do Mês:

Dezembro 2013

Data

1951 / 1952

Dimensões

Base: C. 71cm X L. 54,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000048

Maqueta em gesso, cartão e madeira,

executada em Moçambique para a “Exposição Documental das Actividades Sanitárias do Ultramar” - Lisboa, 1952, que decorreu quando do 1º Congresso Nacional de Medicina Tropical.

Representa um complexo de edificações cujo projeto foi elaborado cerca de 1946, pelo Gabinete de Urbanização Colonial (G.U.C.), seguindo o programa-tipo do médico Aires Pinto Ribeiro, diretor dos serviços de saúde de Moçambique.

Estimou-se que seria necessário construir cerca de 500 destas maternidades, um número não alcançado, mas o projeto terá sido também adotado em Angola.

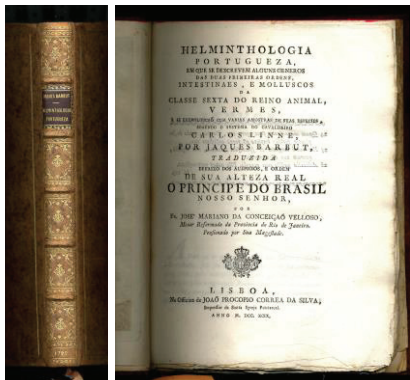
Fotografias da época mostram estas maternidades e, algumas delas, encontram-se ainda em atividade, passado mais de meio século.

A maqueta que integra a coleção de Maquetas de Edificações de Saúde do IHMT, esteve em exposição no Centro Cultural de Belém, integrando a exposição “África - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial”, de Dezembro 2013 a Março de 2014. Outras informações podem ser obtidas na brochura “Maquetas de Edificações de Saúde- Coleção IHMT” também disponível no portal do IHMT.



Ano 2014

“Helminthologia Portugueza”, de J. M. Conceição Velloso



11 - Peça do Mês: Janeiro 2014

Data

1799

Dimensões

Encadernação: A. 24,8cm X L. 19,5cm X E. (lombada) 2cm.

Inventário

Museu: IHMT.0000570

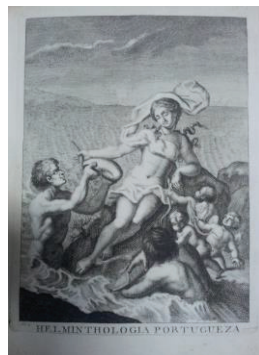
Biblioteca (cota): HMD.BAR09/2014

“Helminthologia Portugueza”, por Jaques Barbut, tradução e adaptação de José Mariano da Conceição Velloso. Impresso em Lisboa, 1799. Contem 11 estampas aguareladas. Encadernado a couro.

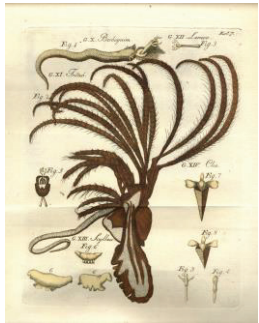
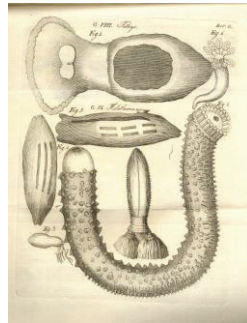
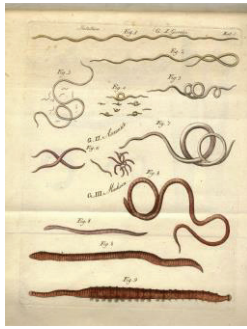
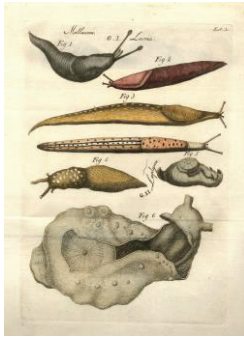
James Barbut (1776?-1799?), foi naturalista e pintor inglês. Publicou em Londres: “*The genera insectorum of Linnæus ...*”, 1781; “*The genera vermium exemplified...*”, 1783 - de onde a Helminthologia Portuguesa foi adaptada; “*The genera vermium of Linnæus part 2d....*”, 1788.

Fr. José Mariano da Conceição Velloso (1742-1811), franciscano, professor e naturalista, teve papel relevante como autor, tradutor e editor de diversas obras sobre História Natural, Botânica, Agricultura, Medicina, Química, Náutica, Desenho e Pintura, Ciências Exatas, História e Poesia. Nasceu em São José d’el Rei, hoje Tiradentes, Minas Gerais (era primo de Joaquim José da Silva Xavier, o “Tiradentes”). Veio para Lisboa em 1790 e aqui colaborou no Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda e na Academia Real das Ciências de Lisboa. Com a proteção de D. Rodrigo de Sousa Coutinho fundou e dirigiu a célebre tipografia do Arco do Cego, de 1799 a 1801, onde publicou 83 títulos. Em Lisboa, servindo-se de elementos recolhidos no Brasil, terá também redigido a “*Florae Fluminensis*”, a sua obra mais célebre, de publicação póstuma (1825-1827), onde descreve cerca de mil e setecentas espécies animais, vegetais e minerais. Quando da partida da família real para o Brasil, regressou ao Rio de Janeiro, onde faleceu.

A “*Helminthologia Portugueza ...*” ilustra e tem descrições pioneiras, em português, da ascáride vermicular, a “*ascaris lumbricoides*” (lombriga), “de corpo afilado nas duas extremidades ...”, de uma cor ruiva pálida, ... infecta o intestino reto das crianças e dos cavalos, e de noite muito mais os incomoda, e, quando se expele fora, move-se. O remédio mais eficaz são supositórios



feitos de substâncias amargas“. Entre outras curiosidades, descreve e ilustra também a sanguessuga medicinal e as fascíolas hepática e intestinal.



Câmara Fotográfica “de Campo”



12 - Peça do Mês: Fevereiro 2014

Data

c. 1910

Dimensões

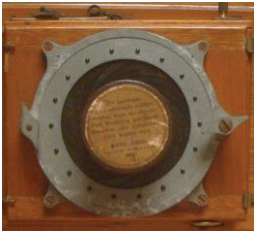
Câmara: (sem o conjunto de obturador e lente): A 31,5cm X L. 28cm X P. (fechada) 8,5cm; (aberta) 38,5cm

Tripé: A.85,5cm, Base (lado) 36cm

Inventário

Museu: Câmara: IHMT.0000572

Tripé: IHMT.0000573



“Câmara de campo”, (de exterior ou de viagem) é a designação vulgarmente utilizada para as câmaras fotográficas portáteis do final do séc. XIX e primeiros anos

do séc. XX e são, em geral, com caixa em madeira e fole. Utilizava chapas fotográficas de vidro revestido por material fotossensível, frequentemente com 18 x 24 cm, embora pudessem ser adaptados

caixilhos, também em madeira, para outras medidas.

A caixa de madeira deste modelo é de origem incerta, provavelmente um exemplar da “Reisekamera” da série Globus, produzida na fábrica “Aktiengesellschaft für Cameraproduktion”, de Heinrich Ernemann (1850-1928), em Dresden, Alemanha, fundada em 1899.



Na caixa está adaptado um obturador de cortina, da fábrica de John Edward Thornton (1865-1940) e Edgar Pickard_(1868-1935), a “The Thornton-Pickard Company”, de Altrincham - Manchester, Inglaterra, estabelecida em 1888, e que em 1892 começou a produzir os famosos obturadores “instant & time”, com comando por cabo, cujo êxito se prolongou até 1920 e foram utilizados em inúmeras câmaras de outros fabricantes.

Adiante, um diafragma universal “tipo iris”, em alumínio (c.1905) tem acoplado uma lente objetiva Protar 1:9, R 272mm, com o N° 908706, da casa Carl Zeiss, Jena, que abriu em 1856. Estas lentes com correção

astigmática, foram produzidas para a Zeiss desde 1889, por Paul Rudolph (1858-1935) e tomaram a designação de Protar a partir de 1900.

A câmara utilizava um tripé com a marca ICA (Internationale Camera A.- G.), de Dresden, uma marca de 1909, que resultou da reunião dos fabricantes Hüttig AG de Dresden; Kamerawerk Dr. Krügener de Frankfurt; Wünsche AG de Reick e a Carl Zeiss Paltos AG, de Jena. Em 1926, a ICA fundiu-se na Zeiss-Ikon.

Este equipamento da coleção do IHMT, foi adquirido em Lisboa, na Agência Photographica, da Rua Áurea, 265- 1º, e terá sido utilizado pela Escola de Medicina Tropical no registo de imagens em trabalhos de campo.





“Escola de Medicina Tropical”, Fotografia



13 - Peça do Mês: Março 2014

Data

c. 1930

Dimensões

Fotografia: A. 38,5cm X L. 53cm

Inventário

Museu: *IHMT.0000336*

A 24 de Abril de 1902, foi oficialmente instituído em Portugal o ensino da Medicina Tropical e, com ele, surgiu a Escola de Medicina Tropical.

A partir de 1903 -1904, a Escola ficou instalada em parte do edifício da Real Fábrica de Cordoaria, na Junqueira, onde ficou também sediado o primitivo Hospital Colonial, hoje o Hospital de Egas Moniz.

A Escola dispunha de instalações para laboratórios, biblioteca e salas de aulas. O seu primeiro diretor em acumulação com a direção do Hospital Colonial, que se articulava com a Escola, foi António Duarte Ramada Curto. Do corpo docente inicial da Escola faziam parte D. António Maria de Lancastre, professor de Patologia Exótica e Clínica, Ayres José Kopke Correia Pinto, docente de Bacteriologia e Parasitologia e Francisco Xavier da Silva Telles, para ensinar Higiene e Climatologia, todos médicos navais.

Em 1935, o nome da Escola passou a Instituto de Medicina Tropical.

Em 1958, transitou para as novas e atuais instalações, também na rua da Junqueira.

Em 1966, fundiu-se com o Instituto Superior de Higiene, resultando na Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical.

Desde 1972 é o Instituto de Higiene e Medicina Tropical.

A fotografia, de autor desconhecido, mostra a Escola instalada no pavilhão Este da Cordoaria.

Selo Branco da Escola de Medicina Tropical



14 - Peça do Mês: Abril 2014

Data

c. 1920

Dimensões

A. 32cm X C. 21,3cm X L. 7,5cm

Selo: A. 3,7cm X L. 3cm

Inventário

Museu: IHMT.0000574



Fundada em 1902, a Escola de Medicina Tropical manteve o nome até 1935, quando mudou para Instituto de Medicina Tropical.

Este carimbo - “selo branco”, está montado numa prensa de ferro fundido com manípulo de madeira. O selo, de formato elíptico, tem ao centro a esfera armilar e sobre ela o escudo de Portugal, com os cinco escudetes e a bordadura carregada dos sete castelos. Na periferia tem escrito: ESCOLA DE MEDICINA TROPICAL* LISBOA*.
A ausência da coroa permite classificá-lo já do período da República.

Microscópio Portátil Wild, Modelo M11



15 - Peça do Mês: Maio
2014

Data

c. 1954

Dimensões(*campânula*)

A. 38cm X Diâmetro. 17,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000055

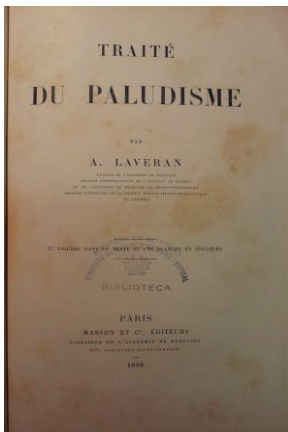
Microscópio ótico composto, com sistema binocular para observação, revólver com 4 objetivas, platina de sistema XY deslizante e iluminação indireta por

espelho. Como acessórios possui uma ocular simples e um sistema elétrico para iluminação direta. O conjunto é protegido por uma campânula de metal, com alça em couro para transporte e grampos metálicos de fixação na base do microscópio. Tem, entre outras, a inscrição do fabricante "WILD / HEERBRUGG / SWITZERLAND", na ocular dupla o nº "15305" e no canhão "M11- 14483". Etiqueta em papel, manuscrita e presa à campânula, indica: "INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL / 3ªCADEIRA / LISBOA "

Este microscópio foi utilizado em trabalhos de campo e para o ensino da disciplina de Helmintologia Médica, do Instituto de Medicina Tropical.

A fabrica Wild foi fundada em 1921. Entre 1937 e 1971 usou o logotipo inscrito neste modelo de microscópio, o modelo M11, cuja produção se iniciou cerca de 1947 e até 1990, com uma maior expansão a partir de 1954.

“Traité du Paludisme”, de Alphonse Laveran



16 - Peça do Mês: Junho 2014

Data

1898

Dimensões

Encadernação: A. 26,5 cm X L. 16,5 cm
X E. (lombada) 3,5 cm.

Folha de rosto A. 25,1 cm X L. 15,3 cm

Inventário

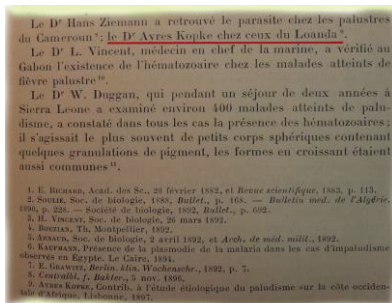
Museu: IHMT.0000679

Biblioteca (cota): LAV 38/2014

Charles Louis Alphonse Laveran (1845 –1922) médico francês, foi laureado com o Prémio Nobel da Medicina em 1907, pelas suas descobertas sobre os protozoários, como agentes infetantes provocando diversas doenças. Em 1880 descobre que o plasmódio é a causa do paludismo, ou malária. Em 1900, publica com Félix Mesnil estudos sobre o tripanossoma, o agente da doença do sono. Em 1903, também com Mesnil, revela o protozoário responsável pelo kala-azar.

No livro *Traité des Fièvres Palustres* (1884), Laveran coloca a hipótese de ser o mosquito o vetor que transmite o plasmódio, e com ele o paludismo, o que anos mais tarde Ronald Ross confirmará.

Esse tratado constitui de certo modo a primeira edição da sua obra magistral, o *Traité du Paludisme* (publicado em 1898), onde fez referência aos estudos do médico português Ayres Kopke (1866-1947), que foi professor e diretor da Escola de Medicina Tropical, antecessora do IHMT.



Cadeira Metálica de Secretária



17 - Peça do Mês: Julho 2014

Data

1958

Dimensões

A. assento variável até 95cm X L.40cm X

P.50cm

Inventário

Museu: IHMT.0000604

Cadeira metálica rotativa, encomendada para equipar o edifício do Instituto de Higiene e Medicina Tropical (então Instituto de Medicina Tropical), quando inaugurado em Dezembro de 1958. Destinada à utilização nos laboratórios e também nos gabinetes de som, de projecção e de tradução da Sala Magna

É construída em tubo de aço pintado a esmalte, giratória e regulável na altura, por fuso, com o encosto também regulável em altura e na distância, Almofadas do assento e costas em espuma de borracha, reversíveis, de um lado forradas a tecido aveludado e do outro a pergamoide, para utilização no verão e inverno. Este modelo do IHMT apresenta 4 rodas, que fazem a diferença para a imagem do catálogo.

É uma peça de mobiliário da fábrica Movex Lda, que figura no catálogo da época como “cadeira dactilógrafo”, onde se faz a promoção com a seguinte frase “Esta é uma cadeira científica”.

Esta e várias outras peças do mobiliário com que o Instituto foi equipado em 1958 estão agora patentes na exposição do MUDE (Museu do Design e da Moda), com o título “O Respeito e a Disciplina que a Todos se Impõe – Mobiliário para edifícios públicos em Portugal, 1934 -1974”.



Painel Didático: “Principais Doenças Transmitidas por Insectos e Carraças”



18 - Peça do Mês:

Agosto 2014

Data

c. 1945

Dimensões

A.188cm X L.155cm

Inventário

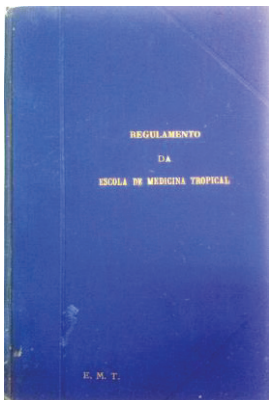
Museu: IHMT.0000708

Quadro didático em papel envernizado colado sobre tela, referindo as “Principais Doenças Transmitidas por Insectos e Carraças”. Foi utilizado para o ensino no Instituto de Medicina Tropical,

cujas frequências eram obrigatórias para os colonos que pretendiam fixar residência nos territórios tropicais. O quadro foi reproduzido no manual “Noções de Higiene Tropical para Colonos”, de 1947, de Manuel T.V. de Meira, editado pelo Instituto e com uma segunda edição, em 1960 (“Noções de Higiene Tropical”).

Este quadro didático, contemporâneo da Constituição da Organização Mundial de Saúde (1946), integra, até Outubro de 2014, a exposição patente no IHMT com o título “Retratar as Doenças Tropicais: Imagens Escolhidas de Histórias Diversas – Coleção do IHMT”, que complementa uma outra exposição de cartazes proveniente da Universidade de York. Ambas as exposições comemoram o 40º aniversário do Programa Especial de Investigação e Formação em Doenças Tropicais (TDR) instituído em 1974, no seio da OMS.

“Regulamento da Escola de Medicina Tropical” - Decreto de 24 / 12 / 1902



19 - Peça do Mês: Setembro 2014

Data

1902

Dimensões

Encadernação A.23cm X

L.14,4cm X E. (lombada) 0,4cm

Inventário

Museu: IHMT.0000641

Biblioteca (cota): POR 114/2014

Publicação encadernada em capa dura, azul, e letras

douradas: “REGULAMENTO DA ESCOLA DE MEDICINA TROPICAL / E.M.T.”, com 14 folhas.

As primeiras 6 folhas, datadas de 1903, da Imprensa Nacional, Lisboa, são relativas ao Decreto de 24 de Dezembro de 1902, com o Regulamento da Escola que se seguiu à Carta de lei de 24 de Abril de 1902, criando o Hospital Colonial e a Escola de Medicina Tropical. No. Capitulo I, Art.2º do Decreto definem-se as cadeiras do Curso: Patologia e Clínica; Higiene e Climatologia; Bacteriologia e Parasitologia. O Art.3º caracteriza o ensino secundário também lecionado na Escola, a cargo do professor de Higiene e Climatologia.

O Curso de Medicina Tropical conferia o diploma de médico colonial. As aulas de Parasitologia e de Bacteriologia eram diárias e as de Higiene três vezes por semana. As propinas para a frequência e exames do Curso são fixadas em 5\$000 reis. O curso secundário, destinado aos funcionários da Direcção Geral do Ultramar, tinha uma propina de 2\$500, com aulas três vezes por semana, durante um trimestre. Conferia um certificado de assistência.

O Regulamento define ainda as atribuições, competências e obrigações, do diretor da Escola, do conselho escolar, da secretaria, do pessoal subalterno e menor. Os laboratórios, o museu e a biblioteca são caracterizados como estabelecimentos auxiliares do ensino. Para a constituição do museu, que dependia do professor de patologia e clinica, deveriam contribuir com material o Hospital Colonial e os hospitais das províncias ultramarinas.

As restantes folhas desta encadernação são o Nº 8 do Boletim Militar do Ultramar, de 20 de Maio de 1902, da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar / Direcção Geral do Ultramar. Dão notícia da Carta

de lei que criou o Hospital Colonial e a Escola “para o ensino da medicina especial dos climas tropicais”, além de outros decretos e portarias.

O Decreto e o Boletim estão firmados por António Teixeira de Sousa, ministro dos Negócios da Marinha e Ultramar. O Boletim tem no fim a assinatura a tinta sépia, de Francisco Felisberto Dias Costa, Director Geral.

O encadernador destas publicações, segundo uma pequena etiqueta na contracapa, foi “TELLES & ALBANO, da rua da Palma, 145-147 – LISBOA”.

Pulverizador para Inseticida



20 - Peça do Mês: Outubro 2014

Data

c. 1950

Dimensões

A. 73 cm X L. 20 cm

Inventário

Museu: *IHMT.0000706*

A utilização dos inseticidas, nomeadamente do D.D.T., teve uma importância fundamental na história do combate aos vetores de doenças tropicais, designadamente no combate ao mosquito *Anopheles*, transmissor da malária ou paludismo. A “peça do mês” é um pulverizador para inseticida utilizado na década de 1950, pelas equipas e missões do Instituto de Medicina Tropical.

Embora o D.D.T. tenha sido sintetizado em 1874, só em 1939 lhe foram reconhecidos efeitos como inseticida, o que motivou a entrega do Prémio Nobel a Paul Hermann Muller, em 1948. A sua larga utilização, desde o período final da II Grande Guerra, contribuiu grandemente para a irradicação da malária em alguns países, nomeadamente em Portugal, contudo, demonstraram-se propriedades residuais e efeitos colaterais muito nefastos para a saúde, que conduziam à interdição do uso do D.D.T.

Primeiro Livro de Termos da Escola de Medicina Tropical



21 - Peça do Mês: Novembro 2014

Data

1902

Dimensões

A.32cm X L. 22,8cm X lombada 2,2cm

Inventário

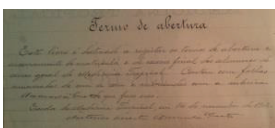
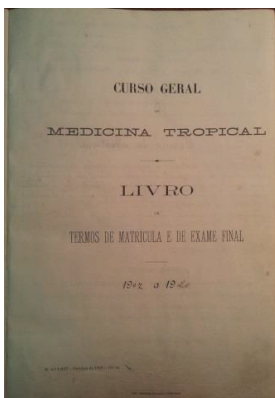
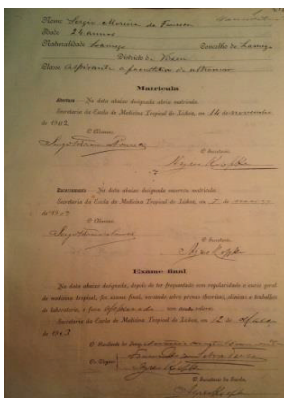
Museu: IHMT.0000642

Livro de Termos nº 1 do Curso Geral de Medicina Tropical. Contem os registos dos alunos e dos exames finais, desde as inscrições em 1902 até ao curso do ano letivo 1919-1920. Com 100 folhas, corresponde aos 200 primeiros alunos da Escola de

Medicina Tropical: Cada página tem a matrícula de um aluno e o resultado do respetivo exame final.

O livro inicia-se, portanto, com o primeiro curso da Escola de Medicina Tropical, destinado a médicos, “aspirantes a facultativos do ultramar”.

O “Termo de Abertura”, com a data de 14 de Novembro de 1902, está assinado por António



Duarte Ramada Curto, o primeiro diretor da Escola, que também assinou como presidente do Júri dos exames desse primeiro Curso. Outros dois professores, Francisco da Silva Telles e

Ayres Kopke, assinam como vogais dos júris, e Ayres Kopke ainda como primeiro Secretário da Escola.

Para os anos letivos subsequentes sucedem-se as assinaturas dos diretores seguintes, nomeadamente de António Maria de Lencastre e de Silva Telles, bom como de outros professores, enquanto vogais dos júris e secretários.

Pintura de Albano Neves e Sousa



22 - Peça do Mês: Dezembro 2014

Data: 1956

Dimensões: A. 199 cm X L. 420 cm

Inventário. Museu: IHMT.0000646

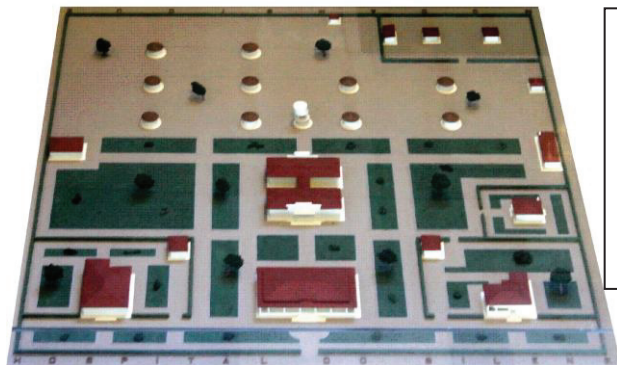
Pintura de grandes dimensões, sobre aglomerado de madeira, reutilizando um painel da III Conferência Interafricana de Nutrição, Luanda - 1956. Foi recentemente restaurada pelo Departamento de Conservação e Restauro da FCT/UNL, mercê do mecenato da Fundação Millennium BCP.

Representam-se cenas do quotidiano numa sanzala em África. Sobre os tons fortes do fundo, com predominância dos vermelhos, amarelos, ocre e azuis, distribuem-se por seis áreas “geometrizadas” e interligadas vários grupos de nativos em atividades da vida diária. No todo são 26 figuras humanas e um cão. Destacamos a parte superior esquerda dedicada à medicina tradicional, onde as cores pesadas de azul-chumbo nos transportam para o oculto e o misterioso. Ilustra-se aí um grupo de doentes com débil aparência, aproximando-se para a consulta do feiticeiro, que aguarda sentado, em pose de superioridade e sob a proteção simbólica de duas caveiras de animais erguidas no cimo de mastros.

Albano das Neves e Sousa (1921-1995) nasceu em Matosinhos e faleceu em São Salvador da Baía, no Brasil. Foi principalmente em Angola, onde residiu a maior parte da vida, e nos últimos vinte anos no Brasil, que fez carreira como pintor e ainda como poeta. Na pintura, destacou-se sobretudo nas temáticas de etnografia africana. Tem obra exposta em vários edifícios públicos de Angola, mas também em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique e na Baía, além de museus e coleções particulares de diferentes países da Europa e nas Américas. Publicou livros de poesia, ilustrou outros e colaborou em antologias.

Ano 2015

Maqueta do Hospital de Bilene - Moçambique



23 - Peça do Mês:

Janeiro 2015

Data

1952

Dimensões

Base: C.168cm X

L.163,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000652

Com a maqueta do Hospital de Bilene, na vila de Macia, em Moçambique, acrescenta-se agora o conjunto de maquetas da coleção do IHMT, que integraram a 1ª edição da brochura “Maquetas de Edificações de Saúde”.

Tal como as outras ali abordadas (exceto a do IHMT), a maqueta de Bilene esteve exposta na “Exposição Documental das Actividades Sanitárias do Ultramar”, por ocasião do I Congresso Nacional de Medicina Tropical, Lisboa - 1952. A maqueta foi executada em Moçambique.

Com muitas semelhanças com a Formação Sanitária do Maputo, o Hospital de Bilene tinha de inovador uma construção em H, desenho do arquiteto António Rosas, de 1939, edifício destinado a enfermarias, o que representa a transição dos “quartos individuais” em palhotas, que formavam a sanzala de internamento - embora aqui também presentes, mas em menor número -, para um processo de internamento em grupo, ou seja em enfermarias, porque, justifica-se: “A centralização dos doentes indígenas em pavilhões (em vez de os alojar em palhotas), [...] é de aceitar, porquanto assim se simplifica e intensifica a assistência médica, ao mesmo tempo que as condições de higiene se melhoram. As sanzalas enfermarias, construídas inicialmente para não criar ao indígena um meio que ele não soubesse compreender, deixam de ter razão de ser, desde que ele compreenda - como já hoje em geral compreende - as grandes vantagens que lhe advêm dos serviços de assistência que nós, desde sempre, lhe estamos a prestar”.

Esta estrutura hospitalar encontra-se ainda ativa, embora com algumas alterações posteriores- Designa-se agora Centro de Saúde de Macia.

“Aula Prática da Escola de Medicina Tropical”, Fotografia



**24 - Peça do Mês: Fevereiro
2015**

Data

c.1930

Dimensões

Fotografia, A.38,5cm X L.53cm

Inventário

Museu: *IHMT.0000334*

A fotografia, de autor desconhecido, mostra aspetos de uma aula prática da Escola de Medicina Tropical. Esta, e uma dezena de outras fotografias, integram a coleção de imagens que registam as instalações nos primórdios do ensino da Medicina Tropical em Portugal.

Inaugurada em Abril de 1902, a Escola de Medicina Tropical ficou inicialmente instalada na ala Este do edifício da Real Fábrica de Cordoaria, na Junqueira, em Lisboa, paredes-meias com o Hospital Colonial. Com a designação de Instituto de Medicina Tropical, as instalações da Escola transitaram, em 1958, para as novas e atuais instalações do agora Instituto de Higiene e Medicina Tropical, igualmente na rua da Junqueira. Entretanto o hospital mudara-se também para instalações próprias e é hoje o Hospital de Egas Moniz.

Algum do equipamento e do mobiliário representado na fotografia da aula prática veio também para o novo edifício e está ainda em utilização, e outro incorpora o espólio do Museu do IHMT.

Caixa Giemsa, de Campanha, para Reagentes e Corantes



25 - Peça do Mês: Março 2015

Data

c. 1910

Dimensões

A. 32,5cm X L. 53cm X P. 33,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000674

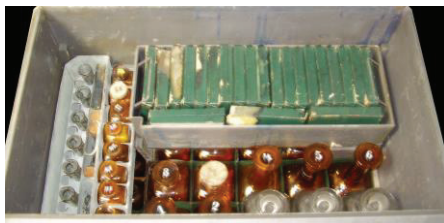
Caixa metálica com reagentes e corantes, para identificação de parasitas em medicina tropical.



Possui dois tabuleiros superiores onde se acondicionam, pinças, cadinho de porcelana, lamparina, provetas e outros vidros de laboratório. Num outro tabuleiro, menor, diversas caixas contêm ampolas de nitrito de potássio, solventes, lâminas e lamelas. Em compartimentos no fundo guardam-se frascos com corantes e reagentes.



Na tampa tem inscrito "Reagenzkasten /neue Form / FÜR DIE TROPEN UND FÜR SCHIEFF / NACH PROF. G. GIEMSA" e, em papel colado, a



identificação de ter sido utilizada em "Missão de



Estudo à Guiné [do] Instituto Medicina Tropical", provavelmente nos anos 1930/40. Uma etiqueta atrás

comprova o seu transporte em navio da Sociedade Geral.

Gustav Giemsa (1867-1948) foi químico, microbiologista e investigador na África Oriental Alemã e depois no Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, onde dirigiu, desde 1900, o departamento de química. Melhorando as técnicas de eosina e azul de metileno usadas por Romanowsky, Giemsa desenvolveu métodos de coloração ainda hoje utilizados, para o diagnóstico histopatológico e a deteção de parasitas do sangue, como o plasmódio da malária, o tripanosoma da doença do sono, a clamídia do tracoma e doença venérea, além de outros.

Num artigo publicado no volume 7 dos “Archiv fur Schiffs- und Tropen-Hygiene” - 1903 (pg 447-71), Giemsa apresenta esta mala-laboratório, portátil.



Candeeiro de Pés com Rodas, para Laboratório



26 - Peça do Mês: Abril 2015

Data

1958

Dimensões

A. 168 cm X Diâmetro pés 41 cm

Inventário

Museu: IHMT.0000603

Coube à Delegação para as Novas Instalações dos Serviço Públicos, do Ministério das Obras Públicas, os estudos do mobiliário e equipamentos para fornecer o edifício do Instituto de Medicina Tropical (hoje IHMT), inaugurado em Dezembro de 1958.

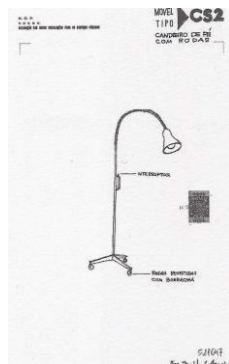
O arquiteto José Luís Amorim (1924 – 1999)

foi o autor de muitos dos desenhos e projetos para aquelas peças, que foram expressamente

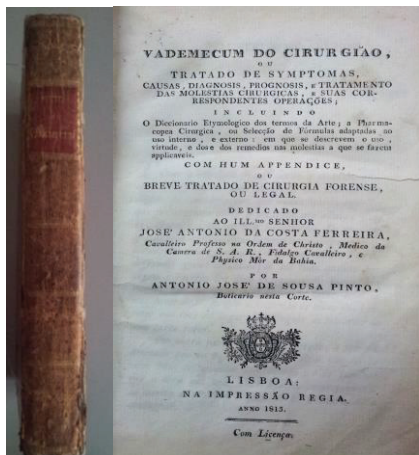
desenhadas para a instituição e, por vezes,

replicadas depois para outros locais

É o caso deste candeeiro metálico para utilização em laboratório, apoiado num tripé com 3 rodas revestidas a borracha e um interruptor embutido numa pega de alça, colocada a meio da coluna. O foco luminoso é de posicionamento ajustável e protegido por uma campânula em alumínio.



“Vademecum do Cirurgião, ...”, de A. J. de Sousa Pinto



27 - Peça do Mês: Maio 2015

Data

1815

Dimensões

Encadernação: A.21cm X L.14cm X

E.(lombada) 3cm

Inventário

Museu: IHMT.0000729

Biblioteca (cota): HMD PIN 2204/2014

António José de Sousa Pinto (1777-1853) foi distinto boticário em Lisboa e farmacêutico da Casa Real. É o autor deste “Vademecum do Cirurgião...”, mas também de uma “Pharmacopea Chymica, Medica, e Cirurgica”,

publicada 1805 e ainda de “Elementos de Pharmacia, Chymica, e Botânica ...”, de uma “Memória sobre a Administração do Mercúrio ...” e de outras obras. Integrou, com Francisco José de Almeida (1755-1844), Francisco Soares Franco (1772-1844), Frederico Kessler (1804-1872) e Bento António Alves, a comissão nomeada em 5 de outubro de 1838 para redação da uma nova “Pharmacopêa Lusitana” que, no entanto, nunca foi oficializada.

Com um título completo muito extenso, mas elucidativo, o “Vademecum do Cirurgião, ou Tratado de Symptomata, Causas, Diagnosis, Prognosis e Tratamento das Molestias Cirurgicas e suas Correspondentes Operações...” inclui também o “Diccionario Etymologico dos termos da Arte, a Pharmacopea Cirurgica, ou Seleção de Formulas adaptadas ao uso interno e externo: em que se descrevem o uso, virtude, e dose dos remedios nas molestias a que se fazem applicaveis...” e ainda em apêndice, um “Breve Tratado de Cirurgia Forense ou Legal”.

O “Vademecum” foi publicado primeiro em Lisboa, em 1815 – cumprem-se agora 200 anos – e dedicado a José António da Costa Ferreira, “Physico Mór da Bahia”. Existe uma edição posterior, de Ouro Preto, em 1839, sob a orientação de Luís Maria da Silva Pinto.

Conforme se adverte no Prólogo, o livro trata de matéria pouco divulgada em língua portuguesa, procurando por isso “amoldá-la aos principiantes, ditando preceitos claros, breves, e seguros ...”. Procurava-se assim chegar mais próximo de um público com poucos recursos médicos e combater o charlatanismo, o que justifica a sua maior divulgação no Brasil da primeira metade do séc. XIX.



28 - Peça do Mês: Junho 2015

Data

1952

Dimensões

Fotografia, A.49,8cm X L.50,1cm

Inventário

Museu: IHMT.0000220

**“Hospital de Moçambique –
Ilha de Moçambique”,
Fotografia**

A Ilha de Moçambique foi até fins do séc. XIX a capital de Moçambique e, durante o período da expansão, desempenhou um papel fulcral no apoio às rotas marítimas portuguesas.

Desde 1507 há notícia de um primitivo hospital na Ilha de Moçambique, cumprindo uma ordem do rei que também mandou edificar a fortaleza e os aposentos do governo.

Contudo, a fotografia que é agora a “peça do mês” do Museu do IHMT, foi realizada para a “Exposição Documental das Actividades Sanitárias do Ultramar”, de 1952 e representa um hospital de construção mais recente, obedecendo a um projeto de Isaiás Newton, de 1877.

Nas coleções do Instituto existe também a maquete deste hospital, que foi durante muito tempo a maior estrutura hospitalar de África ao sul do Saará. Ainda existente, mas muito degradado embora em funcionamento, o hospital integra o conjunto de construções históricas da Ilha de Moçambique, classificadas desde 1991 como Património Mundial da Humanidade - UNESCO.

Capacete Colonial



29 - Peça do Mês: Julho 2015

Data

c. 1950

Dimensões

A. 18,00 cm X Diâmetro ântero-posterior 33,00 cm X Diâmetro transversal 20,00 cm

Inventário

Museu: IHMT.0000746

Capacete de formato ovoide com abas de sombreamento, utilizado nas campanhas em África, por médicos e investigadores do Instituto de Medicina Tropical. A estrutura rígida destes capacetes – inicialmente em couro ou em cortiça, revestidos a tela - dá proteção a traumatismos cranianos e aos ataques de animais.

Simultaneamente protege do sol e calor, com os orifícios laterais e no topo que permitem a circulação de ar, tornando-o mais fresco. Uma rede fina, mosquiteira, era por vezes adaptada às abas do capacete protegendo a face, a nuca e o pescoço, das picadas de mosquitos.



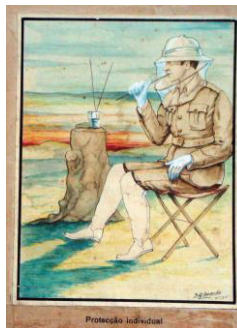
Missão do Instituto de Medicina Tropical, em África, c. 1960. Foto Museu IHMT



O exemplar do IHMT tem, no interior, a etiqueta do fabricante: “Selecto

Com origens mais remotas, nos exércitos romanos, o “pickelhaube”, desenhado em 1842 por Frederico Guilherme IV, da Prússia, é considerado como o inspirador próximo dos capacetes coloniais, também conhecido por capacete de explorador ou de safari.. Da evolução surgiram também os atuais capacetes utilizados por bombeiros, para proteção no trabalho e por motociclistas.

Aquarela de um painel didático (1934).
(IHMT. 0000460)



Proteção Individual

Este modelo de capacete foi utilizado desde a segunda metade do século XIX. Hermenegildo Capelo (1841-1917), Alexandre Serpa Pinto (1846-1900) e Roberto Ivens (1850-1898) utilizaram-no nas suas explorações através do continente africano. Todavia, a difusão destes modelos de capacete foi maior durante as Grandes Guerras, em particular na 2ª Grande Guerra, quando os regimentos militares de diversos países beligerantes o adotaram como peça de fardamento.

Capelo e Ivens (c.1880)



Higrómetro de Daniell



30 - Peça do Mês: Agosto 2015

Data

C.1910 / 1920

Dimensões

A.30cm X L.16cm X Diâmetro base 12cm

Inventário

Museu: IHMT.0000747

É conhecido como a temperatura e a humidade relativa do ar se relacionam e interferem no ambiente e com o bem-estar.

O aparelho que constitui a “Peça do Mês” foi utilizado para o ensino e estudos de climatologia na Escola de Medicina Tropical.

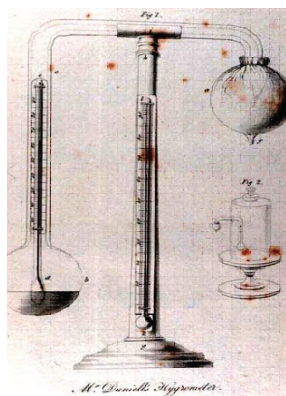
É habitualmente designado apenas como higrómetro de Daniell mas conjuga um

termómetro de mercúrio com escala Celsius (centígrados), na coluna central, e um higrómetro com éter, suspenso do topo da coluna, que permite determinar o “ponto de orvalho”. A base e a coluna central são de madeira torneada e pintada a preto. Foi adquirido à firma J. A. Ribeiro & C^a, de Lisboa, um conceituado fornecedor



de equipamentos científicos e de ótica.

John Frederic Daniell (1790-1845), físico-químico e meteorologista, foi o primeiro professor de química no King's College, em Londres. Em 1820 publicou no “Quarterly Journal of Science, Literature and the Arts”, a descrição do higrómetro que hoje é conhecido pelo seu nome, permitindo de uma forma simples determinar o vapor de água existente na atmosfera. Das publicações de Daniell destacamos os “Meteorological Essays” (1823), os “Essay on Artificial Climate considered in its Applications to Horticulture” (1824), onde demonstra a necessidade da existência de uma atmosfera húmida nas estufas para plantas tropicais e a “Introduction to the Study of Chemical Philosophy” (1839).



*Higrómetro de Daniell
Gravura (séc. XIX)*

Cartaz Árabe Sobre a Lepra



31 - Peça do Mês: Setembro 2015

Data

1946

Dimensões

A. 81,5cm X L. 61cm

Inventário

Museu: IHMT.0000750

Cartaz com impressão policromática, em papel sobre cartão, alusivo à lepra. Pertence a uma coleção de 12 cartazes, relativos a higiene, cuidados básicos de saúde e doenças tropicais.

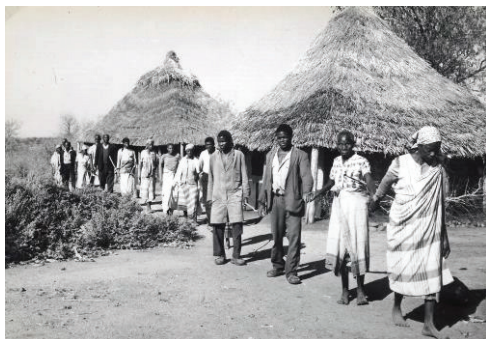
Neste painel, representam-se um leão e um leproso em ilustração comparativa do “facies leonino” e das mãos em garra, que são deformações típicas da doença em fase evoluída.

A lepra é uma das patologias cuja caracterização e identidade remontam a épocas mais antigas – 2º milénio a.C. e tem associada uma pesada conotação religiosa e de exclusão social, resultante das deformidades e mutilações que provoca, outrora interpretadas como um castigo divino, resultante de uma vida pecaminosa. O agente infetante, o bacilo de Hansen, foi descoberto em 1874.

Pesem embora os vários esforços internacionais para a sua erradicação, a doença, se bem que atualmente mais limitada geograficamente e com possibilidades terapêuticas mais eficazes, continua ainda a afligir, em particular, alguns países da “faixa tropical” nos continentes africano, asiático e sul americano.

Nos textos do cartaz, em árabe, lê-se: no canto superior esquerdo – “Ministério da Saúde Pública / Serviço de Saúde Social / Departamento de Promoção da Saúde”; sob o leão, ao lado direito – “Um doente com Lepra / (a doença do leão)”; junto ao bordo inferior, a toda a largura - “Podemos salvá-lo, tratando-o e colocando-o de quarentena em locais específicos”, no canto inferior direito: “Mofid Jaid / 1946”, que permite datar o cartaz.

“Cegueira em África”, Fotografia



32 - Peça do Mês: Outubro 2015

Data

1968

Dimensões

A. 14cm X L. 24cm

Inventário

Museu: IHMT.0000474

A fotografia mostra um grupo de doentes cegos a caminho de uma consulta de Oftalmologia,

em África.

Integra um dos álbuns / relatórios das “Campanhas Contra a Cegueira” em Moçambique, realizadas na segunda metade da década de 1960 e lideradas pelo Dr. Sousa Lobo, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Lions Club.

Neste ano de 2015, em que os Prémios Nobel de Fisiologia e Medicina foram atribuídos a estudos de promissoras terapêuticas na área da parasitologia – malária, filaríase linfática e oncocercose, esta imagem exprime bem o flagelo da cegueira nos países mais carenciados, nomeadamente a cegueira causada pela oncocercose - cegueira dos rios - que em algumas aldeias atinge a totalidade da população.

Fica a expectativa de que, dadas as características específicas da cadeia infecciosa da oncocercose, os novos medicamentos que agora foram premiados, venham a permitir em curto prazo que a cegueira dos rios seja definitivamente debelada e, ao lado da varíola, possa ser uma das próximas doenças a ser proclamada como extinta.

Sorgo



33 - Peça do Mês: Novembro 2015

Data

c. 1957

Dimensões

Frasco: A 13cm X O/ base 5,8cm

Inventário

Museu: IHMT.0000084

O sorgo (*sorghum spp.*) é uma planta da família das Poaceae que reúne cerca de 30 variedades. É nativo das regiões tropicais e subtropicais de África, conhecido e cultivado no Egipto desde o terceiro milénio a.C.

É o quinto cereal mais importante no mundo, sendo atualmente os Estados Unidos da América o maior produtor mundial, seguido

pela Índia e o México.

É conhecido como milho da Guiné ou milho de Kafir, mapira em Moçambique, em Angola, massambala e milho-zaburro no Brasil.

O sorgo cresce bem em ambientes hostis, resistindo à seca e a temperaturas elevadas. A maioria das espécies é cultivada para consumo animal, em pastos, para forragem ou ainda para ração de aves. Contudo, existem variedades mais importantes que constituem a base da alimentação humana nas regiões pobres e áridas.

Contem altos níveis de lisina e triptofano e o amido dos grânulos usa-se na produção de farinha, para panificação e como amido industrial. Variedades de sogro ricas em açúcar, utilizam-se em xaropes e até para bebidas alcoólicas.

O exemplar ilustrado, da coleção do Museu do IHMT, contem grãos de sorgo de proveniência africana, que datam de cerca de 1957. Serviu como amostra utilizada para o ensino da Disciplina de Nutrição do Instituto de Medicina Tropical.

Máquina de Adição ADDO-X 20



34 - Peça do Mês: Dezembro
2015

Data

C, 1950

Dimensões

C 22cm X L 19,5cm X A 30,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000983

Agora, quando em cima de cada bancada de trabalho ou de cada secretária existe um computador para nos facilitar a escrita e os cálculos, esquecemo-nos de que nem sempre assim foi.

Pouco mais de um quarto de século separa-nos hoje do tempo em que as máquinas de escrever e de calcular ainda estavam no auge e eram as ferramentas mais utilizadas para auxílio do nosso quotidiano nas instituições, nos gabinetes de trabalho e nas administrações. Vulgarizadas sobretudo após a primeira década do século XX, estas máquinas entraram em acelerado declínio no fim da década de 1980, substituídas pela eletrónica e os computadores.

Foi assim também no Instituto de Medicina Tropical / Instituto de Higiene e Medicina Tropical e, preservando a memória daqueles tempos, escolhemos para peça deste mês uma calculadora mecânica da marca Addo, que é parte do acervo do Museu IHMT. Foi utilizada outrora nas secretarias, mas também para os trabalhos científicos e de investigação.

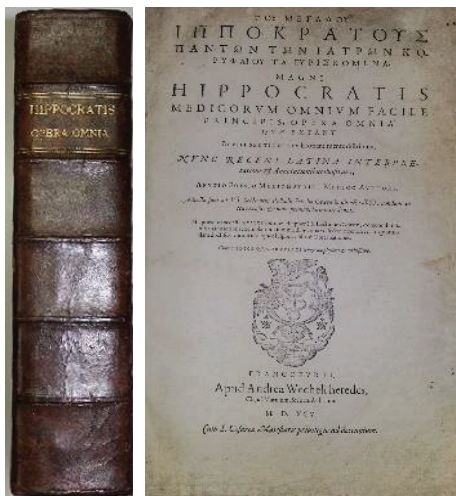
A firma AB Addo, com sede em Malmo, na Suécia, foi fundada por Hugo Agrell, em 1918. Produziu máquinas de escrever, máquinas registadoras e também calculadoras mecânicas de bolso, mas fabricou principalmente máquinas de cálculo para secretária. Teve sucursais com fábrica noutros países, como no Reino Unido – a Agrell Machine Co. Ltd., em Cirencester, onde o sistema imperial impunha mecanismos diferentes dos usados no sistema decimal. Outras fábricas, como a italiana Totalia fabricaram sob licença da Addo. Em 1966 a Addo foi incorporada na Facit, igualmente sueca. Desde 1926, a Addo fabricou máquinas de cálculo para secretária com 77 teclas numéricas, modelos que terminaram em 1935, com a introdução das simplificadas máquinas de adição Addo X (X do número romano 10), com apenas 10 teclas numéricas.

O exemplar da coleção do IHMT, modelo Addo – X 21 – na versão manual, tem gravado o nº de inventário: “IMT-SA-2602” (Instituto de Medicina Tropical – Serviço Académico -2602). Tem capacidade para 10 dígitos nas parcelas, com 11 dígitos para os totais e permite a impressão em papel de rolo.

Fabricou-se em preto (exemplar do IHMT), em verde e em cinza metálico. O modelo eletromecânico correspondente é designado 21 E.

Ano 2016

“Opera Omnia”, de Hipócrates



35 - Peça do Mês: Janeiro 2016

Data

1595

Dimensões

Encadernação: A. 39cm X E. (lombada) 24,5cm.

Inventário

Museu: IHMT.0000516

Biblioteca (cota):HMD HIP 473/2013

Os textos que compoem o *Corpus Hippocraticum* constituíram o pilar documental da medicina científica antiga e, em muitas Universidades foram a matéria base dos estudos médicos até ao século XIX.

Escritos em grego jónico, muitos deles foram incorrectamente atribuídos a Hipócrates de Cós (c.460 a.C.- c.370 a.C.): *Opera Omnia*. Porém, na sua maioria terão sido escritos por vários discípulos do célebre médico grego.

A *Opera Omnia* engloba um conjunto de textos, divididos em livros e capítulos, que cobrem quase todas as áreas da medicina. De realçar o livro dos Aforismos e o texto do Juramento de Hipócrates. Este, ainda hoje resume o essencial da ética médica.

A primeira tradução latina do *Corpus Hippocraticum* foi publicada por Marco Fabio Calvo em 1525, um ano antes da publicação da edição *princeps* do texto grego, de Veneza - 1526. Seguiram-se as edições de Cornarius, Basileia - 1538; de Mercuriali, Veneza -1588 e a mais relevante de todas, a de Foes, de Frankfurt – 1595, que publicou a tradução latina ao lado do texto grego.

É esta edição, de Foes / Frankfurt - 1595, que constituiu a Peça do Mês de Janeiro de 2016, um exemplar da Biblioteca Histórica do IHMT onde existem também um volume dos Aforismos, numa edição de Amesterdão, de 1755.

A *Opera Omnia* de Hipócrates (Foes / Frankfurt – 1595), do IHMT, pertenceu à Disciplina de História da Medicina da Faculdade de Ciências Médicas e foi adquirida cerca de 1990. Com a extinção da cadeira de História da Medicina, na Faculdade, ficou à guarda da Biblioteca do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, também da Universidade Nova de Lisboa, com a obrigação de não a poder alienar (tal como outros livros históricos preveninetes da Disciplina de História da Medicina /FCM – UNL).

Balança Postal



36 - Peça do Mês: Fevereiro 2016

Data

c. 1920

Dimensões

A.21cm X L.16cm,

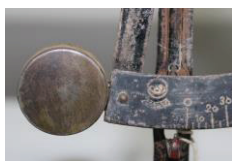
Inventário

Museu: IHMT.0000765

O IHMT (Escola ou Instituto de Medicina Tropical) tinha necessariamente frequentes trocas postais com os espaços de além-mar. Não é por isso de estranhar a existência no seu espólio de uma balança pesa-cartas ou balança postal, permitindo aos serviços de secretaria determinarem a franquia das correspondências que enviavam.

Os primeiros “sistemas postais” estabeleciam o preço a pagar pela correspondência de acordo com o número de páginas e a distância entre o envio e a receção. Posteriormente os cálculos foram feitos

consoante o peso e a distância, um modelo que se generalizou com a introdução do “Postal Act” inglês, por Rowland Hill, em 1840, antecedido por outras medidas, desde 1837. Ao mesmo tempo eram



introduzidos os primeiros selos postais, passando o porte postal a ser pago pelo remetente e não pelo destinatário. Em Portugal, com o governo do Duque de Saldanha, o decreto de 27 de outubro de 1852 instituiu o selo postal que apareceu em 1 de julho de 1853, com a efigie da rainha D. Maria II, um cunho de Borja Freire. O correio aéreo, mais rápido, mas também mais dispendioso, obrigou à utilização de um papel mais fino e leve e os primeiros selos portugueses de correio aéreo datam de 1936, com desenho de Almada Negreiros, representando um hélice. Um século e meio depois da reforma de Rowland Hill o correio eletrónico, “e-mail” (c.1993), quase instantâneo e sem suporte em papel, mas efémero, revolucionou todo o processo da troca de correspondência.

As primeiras balanças postais, mecânicas, datam de 1839, substituídas cerca de 1970 pelas digitais, de pesagem eletrónica.

A “peça do mês”, data das primeiras décadas do século XX. É uma balança produzida por Philipp Jakob Maul, de Hamburgo, estabelecido desde 1874. Durante a Guerra a fábrica foi bombardeada, em 1943, mas retomou a atividade em 1948 e sobreviveu até 1989.

Esta balança, de bronze e latão, é um modelo de báscula, prato redondo com superfície cilíndrica intermédia concava, com pêndulo e braços articulados, de leitura direta num quadrante com escala de pesagens até 250gr, por subdivisões de 5gr. Um parafuso (em falta) no extremo do pé mais longo permitia nivelar e aferir a balança. Embora muito corroída ainda se reconhecem pinturas decorativas a preto e sépia na haste de suporte vertical, bem como o logotipo M gravado no braço vertical do quadrante, que permite determinar a sua proveniência. Antecedendo as inscrições da escala de pesagem um logotipo e a inscrição “concav” identificam também o modelo.

Ervilha-de-Pombo: *Cajanus Indica*



37 - Peça do Mês: Março 2016

Data

c.1957

Dimensões

Frasco: A 14cm X Diâmetro base 5,8cm

Inventário

Museu: IHMT.0000086

Em 2016 comemora-se o Ano Internacional das Leguminosas, conforme declaração da Assembleia Geral da ONU que, sob a égide da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura), promove diversas atividades de sensibilização.

O IHMT associa-se à celebração elegendo como “peça do mês” um exemplar da sua Coleção de

Nutrição, o *cajanus indicus*, uma leguminosa da família *fabaceae*, também designada como ervilha-de-pombo, dahl

(Índia), feijão guandu (Brasil), feijão boer (Moçambique), caja (Perú), arveja (Argentina), cumandá (Paraguai), quinchoncho (Venezuela), ervilha de Angola, feijão do Porto Rico, anduzeiro, sachacafé e outros.

Conhecido na Índia desde 3500 a.C., o *cajanus* existe também na Oceânia e é largamente plantado em África, de onde transitou para a América Latina, no século XVII.

A ervilha-de-pombo é um bom exemplo dos benefícios das leguminosas, seja pelo seu alto teor nutricional, seja pelo seu importante papel numa produção sustentável de alimentos e da segurança alimentar. É cultivada em mais de 25 países de clima tropical e subtropical. Resistente a secas e a temperaturas elevadas, tolera solos arenosos e argilosos, compactos, restaurando-os e fertilizando-os pela fixação de azoto. Cultiva-se em mono-cultura ou em rotação com outros cereais, como o sorgo (“peça do mês” IHMT, Novembro 2015) e o milho, ou ainda alternando com o amendoim e outras plantações.

A ervilha, verde e seca – que permite a armazenagem, utiliza-se na alimentação humana. Tem um elevado teor em proteínas (15%), com aminoácidos essenciais como a metionina, a lisina e o triptofano e é uma boa fonte de vitamina A.

O *cajanus* serve ainda como forragem para animais e algumas populações utilizam-no para extrair óleo doméstico, embora de fraco poder calorífico.

Medicinas indígenas asiáticas, africanas e da América Latina utilizam infusões de folhas e de flores, e as sementes da ervilha-de-pombo com



diversos fins terapêuticos: - antimicrobiano, anti-helmíntico, antioxidante, anti-anémico, hipocolesterolémico, hepatoprotetor, antidiabético, antitússico e nas diarreias, dermatites ou como creme dentífrico (tamil), alguns destes usos de comprovada evidência científica.

Termógrafo



38 - Peça do Mês: Abril 2016

Data

c. 1960

Dimensões

C. 41cm X A. 16,7cm X L. 14cm.

Inventário

Museu: IHMT.0000937



O termógrafo é um dos aparelhos utilizados em climatologia, permitindo o registo das variações de temperatura. O termógrafo bimetalico, que escolhemos para “peça do mês”, tem como unidade sensível uma lâmina constituída pela justaposição de dois metais com diferentes coeficientes de dilatação. As oscilações da temperatura são transmitidas a um sistema de alavancas que termina numa agulha, para registo das temperaturas. O registo é feito num papel-gráfico adaptado a um tambor metálico movido por mecanismo de relojoaria. Pode medir de -15° a $+40^{\circ}$ celsius.

O aparelho foi fabricado pela firma Jules Richard (Richard Freres), de Paris, e utilizado na disciplina de Climatologia do Instituto de Medicina Tropical.

Com esta peça assinalamos o “Dia Mundial da Terra”, celebrado a 22 de Abril, para consciencializar Estados e Habitantes da importância na preservação do Planeta, do seu clima, da sua biodiversidade e de um desenvolvimento sustentável.

Modelo do Parasita da Doença do Sono: Trypanossoma



39 - Peça do Mês: Maio 2016

Data

c.1930

Dimensões

A.22,5cm X L.17cm X P. 2,5cm.

Inventário

Museu: IHMT.0000040

Modelo em escala muito aumentada (cerca de 2000 X) do protozoário *Trypanosoma brucei*, que provoca a doença do sono humana, também conhecida nos animais como nagana e surra. Foi descrito pela primeira vez por David Bruce, em 1896, embora antes já outros cientistas tivessem

referido tripanosomas infetantes.

Estes parasitas – *Trypanosoma*: *T. brucei gambiense*, *T. brucei rhodesiense* e *T. brucei brucei*, são fusiformes, longos e delgados ou largos e mais curtos, ou ainda intermédios. A forma longa tem um comprimento de cerca de 30 - 40 μm . Apresentam um longo flagelo na extremidade do corpo celular e uma membrana saliente, ondulantes. Em preparações sanguíneas a fresco, os parasitas deslocam-se rapidamente entre as células hemáticas.

A mosca tsé-tsé (*Glossina sp.*) é o animal vetor da doença. Após uma refeição sanguínea infetada com o parasita, este sofre várias transformações até atingir as formas metacíclicas infetantes, que serão depois inoculadas pela picada do inseto, num outro mamífero, humano ou animal, completando-se assim o ciclo de contágio. No homem ou no animal reservatório o parasita multiplica-se e tem capacidade de ultrapassar a barreira vascular causando febre, anemia, letargia e frequentemente a morte.

O modelo, num termoplástico celuloide, apoia-se por haste metálica numa base de madeira. Tem uma etiqueta com a inscrição “PARASITISME / TRYPANOSOMA GAMBIENSE / (Infusoire flagellé monomastigien) / Parasite du sang, inoculé par la mouche Tsé-tsé, / cause de la maladie du sommeil / Grossissement 2000 diamètres environ”. Com provável fabrico francês, uma etiqueta metálica indica o importador - vendedor, “PIMENTEL & CASQUILHO L^a / - LISBOA”.

Foi utilizado para o ensino na Escola e no Instituto de Medicina Tropical.

Modelo com Tumefação da Perna / Filariase



40 - Peça do Mês: Junho 2016

Data

1951 / 1952

Dimensões

A. 43,5cm X C. 51cm X L. 27,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000021

Modelo em gesso com revestimento policromado, representando uma perna esquerda de etnia negra, com elefantíase provocada pela filária.

O bloqueio da circulação linfática devido à presença de nematodes *Wuchereria*

bancrofti, as filárias/parasitas, é a causa da tumefação exuberante.

O modelo foi executado em 1951/52 no gabinete de modelagem do Serviço de Anatomia Patológica do então Hospital Miguel Bombarda, agora o Hospital Central do Maputo, em Moçambique. Destinado à 'Exposição Documental das Actividades Sanitárias do Ultramar', que teve lugar em Lisboa no âmbito do I Congresso Nacional de Medicina Tropical – 1952, serviu depois para o ensino no Instituto de Medicina Tropical.

A peça integra um conjunto com 25 outros modelos da coleção do IHMT, com a mesma proveniência, representando diversas patologias, predominantemente de Medicina Tropical.

“Biblioteca da Escola de Medicina Tropical”,. Fotografia



41 - Peça do Mês: Julho 2016

Data

c. 1930

Dimensões

Fotografia A. 38,5cm X L. 53cm

Inventário

Museu: IHMT.0000345

Fotografia a sépia da Biblioteca da Escola de Medicina Tropical, quando esteve no edifício da Cordoaria Nacional.

Esta fotografia da coleção do Museu do IHMT, integra um conjunto de uma dezena de outras fotografias da mesma época, que documentam as primitivas instalações da Escola de Medicina Tropical, instituída em 1902 e antecessora do atual Instituto de Higiene e Medicina Tropical.

Os armários representados transitaram para o novo edifício da rua da Junqueira - Lisboa, inaugurado em 1958, e ainda hoje são utilizados pela Biblioteca do IHMT. A grande mesa de leitura equipa agora a sala de reuniões da Direcção do IHMT, recentemente reestruturada.

Jararaca / *Bothrops Jararaca*



42 - Peça do Mês: Agosto 2016

Data

C.1950

Dimensões

A.57,5cm X Diâmetro (base) 14,50cm

Inventário

Museu: IHMT.0000040

A Jararaca é uma serpente da família *viperidae* e do género *bothrops* que tem diversas espécies, popularmente denominadas de jararacas, cotiaras e urutus. Distribui-se amplamente em matas e áreas de ocupação humana, nas Américas Central e do Sul, do México à Argentina.

De reprodução vivípara, com uma atividade predominantemente noturna, atingem um porte que varia entre os 70cm e cerca de 2m. Alimentam-se de pequenos roedores, de lagartos, de sapos e de aves, mas atacam também o homem. Possuem dentição solenóglifa - dois dentes retrácteis na parte anterior do maxilar superior, inoculadores de

veneno.

O seu veneno neurotóxico, hemotóxico e citotóxico provoca necrose e edemas, falência renal e hemorragia intracraniana, tonturas, náuseas, vômitos e a morte por hipovolémia. Pela sua ampla distribuição geográfica e toxicidade do veneno, são responsáveis por taxas elevadas de morbidade e mortalidade humana.

A partir do veneno das jararacas desenvolveu-se o Captopril, um dos medicamentos mais utilizados no tratamento da hipertensão.

O exemplar que constitui a peça do mês pertence à da coleção do IHMT e é proveniente do Instituto Butantan, de São Paulo / Brasil, fundado em 1901. Em 2010, um incêndio destruiu quase totalmente a coleção do Instituto Butantan, sendo agora os exemplares do Instituto de Medicina Tropical historicamente raros.



Incinerador a Gás Sugg, Modelo 3700



43 - Peça do Mês: Setembro 2016

Data

1958

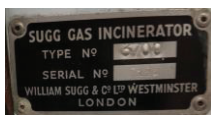
Dimensões

A. 100cm (sem chaminé) X L. 30cm X F. 33cm.

Inventário

Museu: IHMT.0000984

No fim do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX tornaram-se mais evidentes os riscos de contágio e de contaminação que resultavam dos lixos e detritos hospitalares, um facto que as epidemias de tuberculose e de gripe, sobretudo a pneumónica, ainda mais evidenciaram. Era urgente solucionar o problema. Nesse contexto surgiram os primeiros incineradores que, destruindo os microrganismos com altas temperaturas, juntam as vantagens da proteção da saúde à redução do volume de resíduos e ainda a hipóteses de aproveitamento de energia térmica. Contudo, as cinzas residuais - escória - e os gases que se libertam na incineração eram altamente tóxicos o que levou posteriormente à conversão do processo inicial, por via da co-incineração, de procedimentos de filtrações e de outros métodos complexos.



Incineradores a gás da marca Sugg, modelo 3700, fizeram parte do equipamento dos departamentos do Instituto de Medicina Tropical, quando da sua instalação no novo edifício da rua da Junqueira, em 1958. Destinavam-se à queima dos resíduos orgânicos dos laboratórios, reduzindo a contaminação e aproveitando o

calor.

A Firma Sugg (William Sugg) foi fundada em 1837, em Westminster, acumulando experiências pioneiras da iluminação pública a gás (Pall Mall e Carlton House - 1807). Das suas fábricas saíram diversos equipamentos a gás para a iluminação pública e privada, mas também para o aquecimento de águas e das casas particulares, contribuindo significativamente para a diminuição do célebre “smog” londrino.

Mais tarde a Sugg produziu igualmente incineradores em ferro fundido esmaltado, destinados a pequenas unidades industriais e de saúde.

Health and Hygiene - Go Hand in Hand



The immediate disposal of infectious wastes, drainage and sanitary needs is of paramount importance in any hospital or nursing home complex. (SUGG) incinerators cope with this task quickly, efficiently and with greatest economy. Waste disposal may be handled on the smallest of sites and the quiet - thus satisfying needs and reducing risk of infection in a minimum!

FOR AUTOMATIC HYGIENIC DISPOSAL

of Druggists, Hospital, Hospital, Military and Public, Hospitals, Health Centers, Laboratories, etc. (SUGG) incinerators are designed to handle any waste material of the above kind and offer a 100% guaranteed incineration of all types of wastes. (SUGG) incinerators are the most advanced and efficient in the world for burning infectious wastes and are being used in 100 countries.

GAS-FIRED INCINERATORS

FOR HOSPITALS, OFFICES, SCHOOLS AND COLLEGES

BRIEF SPECIFICATION

MODEL 2700 and 2701
 This incinerator is floor and ceiling mounted, automatic, and can burn any waste material that can be burned in a gas furnace. (SUGG) incinerators are designed to handle any waste material of the above kind and offer a 100% guaranteed incineration of all types of wastes. (SUGG) incinerators are the most advanced and efficient in the world for burning infectious wastes and are being used in 100 countries.

MODEL 2700
 This incinerator is floor and ceiling mounted, automatic, and can burn any waste material that can be burned in a gas furnace. (SUGG) incinerators are designed to handle any waste material of the above kind and offer a 100% guaranteed incineration of all types of wastes. (SUGG) incinerators are the most advanced and efficient in the world for burning infectious wastes and are being used in 100 countries.

MODEL 2701
 This incinerator is floor and ceiling mounted, automatic, and can burn any waste material that can be burned in a gas furnace. (SUGG) incinerators are designed to handle any waste material of the above kind and offer a 100% guaranteed incineration of all types of wastes. (SUGG) incinerators are the most advanced and efficient in the world for burning infectious wastes and are being used in 100 countries.






In: Chris Sugg; www.williamsugghistory.co.uk, 2014

Medalha Comemorativa do 75º Aniversário



**44 - Peça do Mês:
Outubro 2016**

Data

1977

Dimensões

Diâmetro 7cm X Bordo 0,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000163

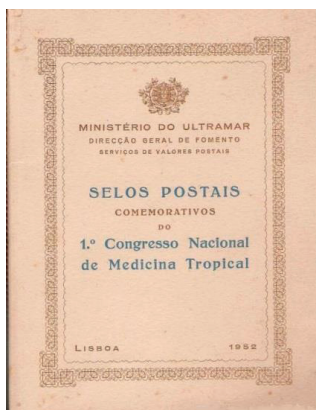
Fundado em Lisboa, em 1902, como Escola de Medicina Tropical, o Instituto de Higiene e Medicina Tropical celebrou o seu 75º aniversário no ano de 1977. Para assinalar o facto, entre outras comemorações, emitiu uma medalha.

A medalha comemorativa do 75º aniversário do IHMT é em cobre. No seu anverso, em baixo-relevo, está representado: o símbolo do Instituto, com o globo terrestre inclinado, envolvido por uma serpente e o escudo de Portugal apostado e, sobre o quarto inferior do globo, tem a divisa "MELIOREM / SANITATEM / QUARENS" aparece inscrita abaixo do escudo. Circundando todo o bordo desta face tem a inscrição: "INSTITUTO DE HIGIENE E MEDICINA TROPICAL. LISBOA". No reverso, igualmente em baixo-relevo, está representada a fachada do Instituto de Higiene e Medicina Tropical e, junto ao bordo, tem em cima a inscrição "75º ANIVERSÁRIO" e, em baixo, as datas "1902-1977".

O escultor da medalha é desconhecido, mas foram cunhadas pela MEDAGLIS.Lda., cuja indicação aparece em relevo na face anterior.

As medalhas estão numeradas por gravação no bordo, mas o número de exemplares cunhados é desconhecido, muito possivelmente 500.

Selos Comemorativos do 1º Congresso Nacional de Medicina Tropical.



45 - Peça do Mês: Novembro 2016

Data

1 de Outubro de 1952

Dimensões

Brochura A. 15,5cm X L. 11,8cm

Inventário

Museu: (brochura) IHMT.0000520

Para assinalar a realização do 1º Congresso Nacional de Medicina Tropical / 1952, a Casa da Moeda emitiu selos de correio alusivos ao evento - um selo por cada uma das Províncias Ultramarinas Portuguesas, e ainda uma pequena brochura trilingue (português, francês e inglês), contendo um exemplar de cada selo e um texto que descreve a história de mais de meio século da medicina tropical portuguesa.

A Portaria 13:934 do Ministério do Ultramar, de 11 de Abril de 1952, deu o suporte legal à emissão, definindo como orientação genérica a evocação de “motivos respeitantes à atuação dos serviços do Estado na assistência médica, profilaxia e combate às doenças endémicas tropicais”.

Os valores e temas são os seguintes: Angola (1 angolar) - punção do lóbulo da orelha para colheita de sangue e observação ao microscópio. / Cabo Verde (\$20) -



vacinação. / Guiné (\$50) - punção ganglionar para pesquisa de tripanossoma. / Índia (4½ tangas) - Escola Médica de Goa. / Macau (6 avos) - Hospital de S. Rafael. / Moçambique (3\$) - Hospital Miguel Bombarda. / S. Tomé e Príncipe (\$10) - auscultação. / Timor (10 avos) - religiosa a cuidar de criança.

Os selos, com 25mmX35mm, foram desenhados por Alberto de Souza, tendo por base fotografias. A impressão foi da Casa da Moeda.

MINISTÉRIO DO ULTRAMAR

Direcção-Geral de Fomento

Serviço de Valores Postais

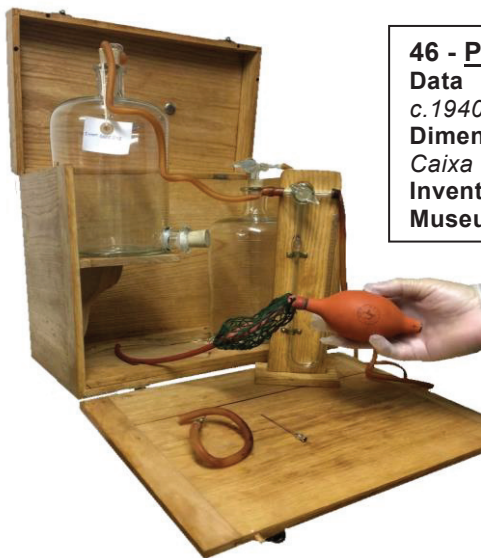
Portaria n.º 13934

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Ultramar, nos termos do artigo 3.º do Decreto n.º 37.050, de 8 de Setembro de 1948, que sejam emitidos e postos em circulação em todas as províncias ultramarinas selos postais comemorativos do I Congresso Nacional de Medicina Tropical, das dimensões de 25mm x 35mm, das taxas, cores e nas quantidades abaixo indicadas, com motivos respeitantes à acção dos serviços do Estado na assistência médica, profilaxia e combate às doenças endémicas tropicais:

Cabo Verde:
500.000 da taxa de 20 — verde e cinzento.
Guiné:
500.000 da taxa de 50 — violeta e castanho-claro.
S. Tomé e Príncipe:
500.000 da taxa de 10 — castanho e azul.
Angola:
1.000.000 da taxa de 1 angolar — laranja e cinzento.
Moçambique:
1.000.000 da taxa de 3\$ — azul e senna-natural.
Índia:
500.000 da taxa de 4 ½ tangas — preto e azul-turquesa.
Macau:
700.000 da taxa de 6 avos — preto e lilás.
Timor:
200.000 da taxa de 10 avos — verde-escuro e castanho-claro.
Ministério do Ultramar, 11 de Abril de 1952. — O Ministro do Ultramar, *Abraão Maria Sarmiento Rodrigues*.

Para ser publicada no *Boletim Oficial* de todas as províncias ultramarinas. — *M. M. Sarmiento Rodrigues*.

Aparelho para Pneumotorax. Terapêutica da Tuberculose



46 - Peça do Mês: Dezembro 2016

Data

c.1940 / 50

Dimensões

Caixa fechada A.38cm X L.37cm X F.23cm

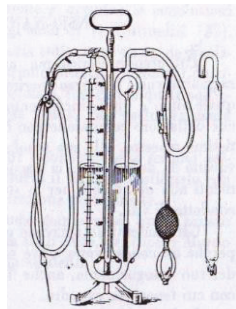
Inventário

Museu: IHMT.0000818

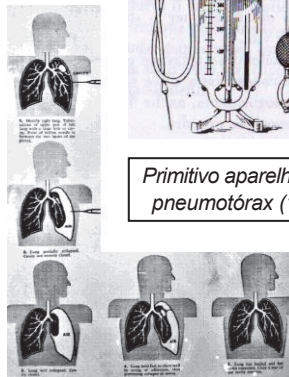
A existência do bacilo da tuberculose está referenciada desde a remota pré-história. Com o tempo, com a sedentarização humana, a domesticação dos animais e a pastorícia, a transposição do animal ao homem do agente infeccioso da tuberculose ficou mais facilitada. As possibilidades

de contágio entre humanos acentuaram-se mais ainda com a Revolução Industrial, no século XVIII, que ocasionou o crescimento dos centros urbanos e o incremento de atividades gregárias, de trabalho e de convívio, com maior proximidade entre as pessoas e de maior constância. A incidência da tuberculose humana aumentou então exponencialmente, atingindo valores assustadores em meados do século XIX, perante uma total ineficácia dos meios terapêuticos e de medidas de prevenção muito frágeis.

Em 1822 James Carson propusera o pneumotorax artificial como método de tratamento da tuberculose pulmonar. Carlo Forlanini, em 1882, retomando a ideia, desenvolveu o primeiro equipamento para provocar o pneumotórax e, em 1906, Christian Saugman adapta-lhe um manómetro para controlar a pressão. O objetivo era de provocar o colapso do pulmão com a introdução de gás/ar na pleura, utilizando uma agulha, o que ajudava a fechar os espaços cavitários e promovia a cicatrização. Embora muito traumático, frequentemente incapacitante e falível, o pneumotórax artificial revelou-se, contudo, uma forma de terapêutica com relativo êxito para a



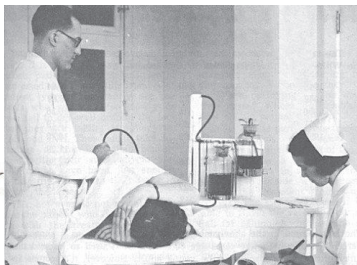
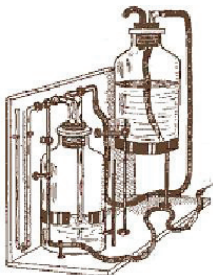
Primitivo aparelho para pneumotórax (1897)



tuberculose pulmonar, até ao aparecimento da antibioterapia específica. Com ele e com as medidas higiénicas, de isolamento, de reforço alimentar e de exposição climatérica adequada – os sanatórios – a mortalidade pela tuberculose começou a diminuir.

Entretanto, em 1865, Villemin estudava a inoculação em cobaias do material

retirado de tubérculos obtidos de seres humanos infectados e, em 1882, Robert Koch, em Berlim, descobre o agente causador da doença, o *Mycobacterium tuberculosis* que, conjuntamente com a descoberta dos raios X,



por Röntgen, em 1895, constituem dois momentos decisivos para o conhecimento da doença. Albert Calmette e Camilo Guerin desenvolvem uma vacina para a tuberculose utilizando um bacilo de agressividade atenuada, o BCG (Bacilo de Colmet e Guerin), vacina que foi introduzida em 1921 e em muito veio ajudar à prevenção da doença.

O tratamento eficaz, com os fármacos demorou mais uns 20 anos a surgir. Só em 1943-44, com a descoberta da estreptomina, por Waksman, aparece o primeiro antibiótico eficiente para o tratamento da micobactéria. Seguem-se o PAS (ácido para-aminosalicílico) – 1944, a izoniazida – 1950 e a rifampicina, que só foi comercializada em 1971. Hoje existem perto de duas dezenas de medicamentos utilizados no tratamento da tuberculose, mas a doença permanece ainda hoje como uma constante ameaça, o que levou a OMS a declará-la, em 1993, como doença emergente.

O aparelho para pneumotórax artificial do museu IHMT é composto por uma caixa em madeira que permite o seu transporte e que contém dois frascos de vidro, tubos, rolhas e uma pera/bomba de borracha, torneiras de duas vias em vidro, regulador de pressão e agulha.

Em 24 de Março de 2017 (dia mundial da tuberculose), o IHMT promove uma reunião dedicada à “Tuberculose: História e Património”.

Ano 2017

Modelo de Pulga: *Xenopsylla Cheopsis*



47 - Peça do Mês: Janeiro 2017

Data

c.1940 / 50

Dimensões

C.41,5cm X A.36cm X L.16cm

Inventário

Museu: IHMT.0000042

Os sifonápteros são uma ordem de insetos, sem asas, vulgarmente conhecidos por pulgas. Estão largamente difundidos por todo o Mundo e dividem-se por várias famílias taxonómicas. São em geral parasitas externos que vivem sobre os hospedeiros ou nas suas tocas e camas. Tanto o macho como a fêmea são hematófagos, com um aparelho bucal perfurador e sugador para se alimentarem do sangue do hospedeiro, sobretudo mamíferos e aves. A fêmea da pulga põe centenas de ovos que eclodem passados 7 a 14 dias, passando depois pelo ciclo de metamorfose – larva, pupa, inseto adulto. A pupa pode demorar dias, meses ou até um ano a emergir do seu casulo o que depende de condições favoráveis e explica a existência de pulgas em locais já desabitados por longos períodos.

São transmissoras de várias doenças, a mais importante é a peste bubónica cuja propagação está principalmente associada à *xenopsylla cheopsis* (Rothschild, 1903), ou pulga do rato oriental.

A peste bubónica foi causa de graves epidemias: - A Peste Negra, do século XIV, que dizimou cerca de metade da população europeia (uns 75 milhões de pessoas); A Grande Peste de Lisboa em 1569, causando uns 60.000 óbitos nos habitantes da cidade; uma outra epidemia em 1650; a Peste do Porto no final do século XIX (1899), que vitimou Câmara Pestana e centena e meia de habitantes do Porto.

O modelo representado, em gesso e arame, é de uma *Xenopsylla cheopsis*, com aumento de cerca de 100 X. Pertence à coleção de vetores do Museu do IHMT, utilizados para o ensino.

Foi comercializada em Portugal pela firma "Pimentel & Casquilho, L^{da}", de Lisboa, mas tem origem na famosa casa de taxidermia parisiense, Deyrolle, fundada em 1831.

Reservatório de Água



48 - Peça do Mês: Fevereiro 2017

Data

c.1910 / 20

Dimensões

A.93,5cm X Diâmetro.49cm

Inventário

Museu: IHMT.0000976



A água, que todas as religiões celebram nos seus ritos iniciáticos, é um bem essencial a todo o ser vivo, sem a qual não pode haver vida tal como a concebemos. O tratado hipocrático “Dos Ares, Águas e Lugares” (séc. Va.C.) já fornece indicações e conselhos sobre a estreita relação entre o meio ambiente e a saúde. A teoria dos 4 elementos – Fogo, Ar, Terra e Água, com as 4 qualidades – Calor, Frio, Seco e Húmido e os 4 temperamentos correspondentes - Colérico, Sanguíneo, Bilioso e Fleumático - guiou a medicina durante séculos.

O desenvolvimento da Humanidade esteve sempre, e em primeiro lugar, ligado aos recursos hídricos, seja para o consumo directo, seja para a agricultura e para a indústria. Porém, a sedentarização e sobretudo a indústria contribuíram, em contra-face, para o exponencial aumento da poluição, com os inerentes riscos na utilização da água e para a saúde.

O tratamento e a purificação da água tornaram-se assim uma necessidade permente, o que foi feito com o calor, pela fervura ou a introdução de ferro em brasa nos reservatórios de água; pela filtração através da areia ou do carvão; pela adição de químicos, como o sulfato, o fluor e o cloro. No final do século XIX assistiu-se a um incremento significativo do tratamento da água para consumo doméstico e muitas instituições e casas particulares tinham o seu próprio sistema de tratamento e armazenamento de água, para depois a utilizarem como bebida.

Este reservatório de água, em grês vidrado, castanho, foi fabricado por moldagem manual com matriz de gesso, e produzido há uns cem anos na Abrigada – Companhia Nacional de



Mostruário do Museu da Fabrica de
Produtos Cerâmicos da Abrigada
(www.abrigada.com)

Refractários, uma fábrica do concelho de Alenquer, fundada em 1846, ainda em laboração. O depósito terá tido um filtro acessório, para purificar a água. A marca da fábrica, dificilmente legível, está inscrita numa oval na face anterior do cilindro. Logo em baixo, num rectângulo, o nº 492 e de seguida E 5817. Tem uma torneira cerâmica com a mesma proveniência.

O reservatório esteve, por algum tempo, no gabinete de apoio à Direcção do Instituto de Medicina Tropical, fornecendo a água para beber. Após a filtragem da água era fechado com um cadeado, adaptado à tampa por um sistema metálico.

Escarrador / Balde de Pensos



49 - Peça do Mês: Março 2017

Data

c.1960

Dimensões

A. (com suporte de pedal) 66cm

Recipiente A. 14cm /Diâmetro.25cm

Inventário

Museu: IHMT.0000985

Embora haja referência a cuspeiras e escarradores, ou objectos equivalentes, desde meados do séc. XVI, foi sobretudo no século XIX que a utilização destes recipientes teve um grande incremento, seja pelo hábito de mascar tabaco, importado das Américas, seja depois, e sobretudo, como consequência da tuberculose.

Após a identificação do *Mycobacterium Tuberculosis*, por Robert Koch, em 1882, tornou-se

evidente a necessidade de evitar e combater o contágio. (Até ao aparecimento de antibioterapia eficaz para a tuberculose ainda haveria que esperar meio século).

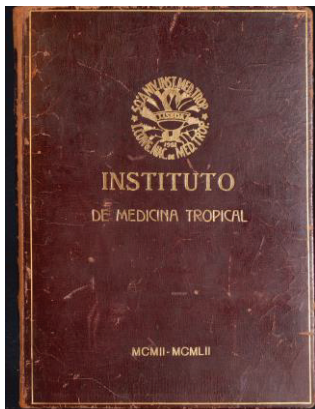
O hábito, então comum, de cuspir para o chão, foi reprimido e nalguns casos até legalmente proibido e com pesadas coimas para os transgressores. Ao mesmo tempo obrigavam-se os locais públicos a disporem de escarradores e, por vezes, estabeleceram-se normas para as suas características e desinfeção:

deviam ser inquebráveis, com tampa, colocados de preferência a 1 metro do chão ...

A meio do século XX estes recipientes caíram em desuso, embora nalguns países se mantivessem ainda nos anos de 1980.

O objeto deste mês evoca esse período da tuberculose. Embora seja hoje conhecido e utilizado como balde para salas de tratamentos e pensos é inequívoca a influência, nomeadamente na tampa interior em forma de funil, para delimitar a exposição do conteúdo e também no pé, que o eleva a cerca de um metro, para que seja mais cómodo e menor a contaminação do ar e da área circundante.

Livro de Honra dos 50 Anos do Instituto de Medicina Tropical



50 - Peça do Mês: Abril 2017

Data

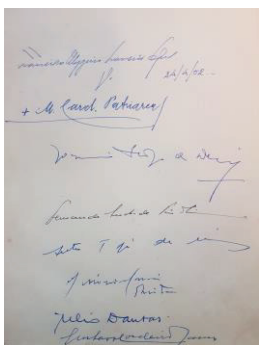
1952

Dimensões

A. 30cm X L. 24cm X E. (lombada) 1cm

Inventário

Museu: IHMT.0000986



A Escola de Medicina Tropical, fundada em 1902, mudou de designação para Instituto de Medicina Tropical, em 1935. As comemorações do seu cinquentenário, em 1952, integraram diversos acontecimentos, mas principalmente a realização do I Congresso Nacional de Medicina

Tropical, com a “Exposição Documental das Actividades Sanitárias do Ultramar” e a colocação da “primeira pedra” do atual edifício do Instituto de Higiene e Medicina Tropical.

O Livro de Honra das comemorações dos 50 Anos do Instituto de Medicina Tropical tem encadernação em pele castanha, com gravações a dourado: No topo, o logotipo do 50º aniversário e do I Congresso Nacional de Medicina Tropical; ao centro a inscrição “INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL”; na parte inferior, 1902-1952, em numeração romana.

Com páginas numeradas de 1 a 23, contem, nas primeiras 9, um total de 182 assinaturas. Abre a 1ª página com a assinatura do então Presidente da Republica, Francisco Hygino Craveiro Lopes, 24/4/1952, do Cardeal Patriarca, Manuel Gonçalves Cerejeira, a que seguem as assinaturas de Joaquim Trigo de Negreiros, á data Ministro do Interior, Fernando Andrade Pires de Lima, Ministro da Educação, António Trigo de Moraes, Subsecretário do Ultramar e ainda as assinaturas de Júlio Dantas antigo Ministro da Instrução Pública e dos Negócios Estrangeiros e de Gustavo Cordeiro Ramos antigo Ministro da Instrução Pública, à data presidente do Instituto de Alta Cultura.

O livro foi recentemente doado ao IHMT pelos filhos do Professor Fraga de Azevedo, que em 1952 era o diretor do Instituto de Medicina Tropical.

“Caneta” da Vacina Contra a Varíola



51 - Peça do Mês: Maio 2017

Data

c. 1960

Dimensões

C. (aberta) 7cm X Diâmetro.0,7cm

Inventário

Museu: IHMT.0000934

A varíola é conhecida desde a mais remota Antiguidade (Egipto, séc. XV a.C.; China e Índia, séc. XI a.C.). Foi também a responsável por algumas das mais mortíferas epidemias na Europa medieval, como a praga de Antonino (séc.II) que vitimou milhões de pessoas e precipitou o declínio do Império Romano. Mais do que as atividades bélicas de conquista, foi igualmente a varíola a principal causa da queda dos impérios Inca e Asteca. Na Europa do século XVIII as estatísticas apontam para cerca de 20 a 60% de mortes (nas crianças, 80%), entre os infetados por varíola e muito dos outros ficavam desfigurados pela doença. A ocorrência de mortos pela doença rondava então os 400 000 / ano.

Verificando-se que os sobreviventes já atingidos pela doença ficavam imunes a novos contágios tentou-se, como primeiras técnicas de imunização, a introdução nas narinas do material recolhido das pústulas de doentes, ou a sua inoculação por escarificações e por via subcutânea, métodos que não eram, contudo, isentos de riscos, pois podiam por si ser a causa do contágio e ainda transmitir outras infeções, entre elas a sífilis. Esta inoculação ficou conhecida por método da “variolação”, que Lady Montague, mulher do embaixador do Reino Unido na Turquia, defendeu acerrimamente na segunda década do século XVIII. Porém, o risco de morte nos que se submetiam a esses métodos era 10 vezes inferior ao causado pela doença. Aos 8 anos de idade, Edward Jenner (1749 - 1823), em Inglaterra, foi submetido ao método da variolação. Mais tarde formou-se em medicina e, sabendo que as camponesas que lidavam com vacas, com uma doença semelhante à varíola - a vacinia, não contraíam a varíola, fez estudos científicos, algumas experiências bem sucedidas e recolheu dados estatísticos que comprovaram uma imunidade cruzada. Após algumas resistências, a vacina anti-varíola de Jenner convenceu a incredulidade da comunidade médica e, no início do século XIX foi divulgada por toda a Europa e América do Norte, abandonando-se com a sua introdução o método da variolação.

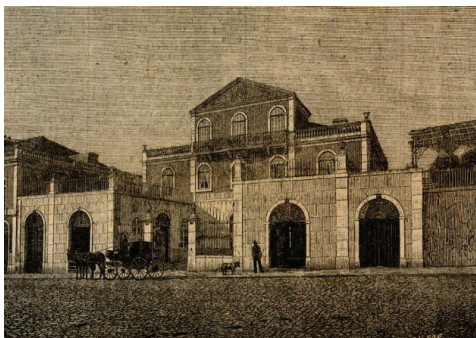
Por meados do Século XX a varíola já estava praticamente controlada na Europa e América do Norte. Porém, continuava devastadora em outras regiões do Mundo, o que levou a Organização Mundial da Saúde a lançar o Programa de Irradicação da Varíola, em 1967. A doença foi finalmente extinta em 1977 e a Assembleia da OMS, de 1980, pode finalmente recomendar que

se abandonasse a vacinação anti-varíola, mas mantendo a vigilância. Pela primeira vez na longa história da Humanidade uma doença tinha sido vencida.

A peça do mês é uma “caneta” escarificador utilizada no IHMT para a vacinação anti-varíola. Tem gravada a inscrição “PARQUE VACINOGÉNICO”.

De iniciativa privada abriu em Lisboa, em 1877, o Instituto Vacínico Campos & Bourquin onde, segundo “A Medicina Contemporânea”, entre 1879 e 1888, os vacinadores inocularam 9.545 pessoas.

O Parque Vacinogénico de Lisboa foi fundado em 1888 por Carlos Moniz Tavares e Guilherme Enes, dois médicos militares. Localizou-se na futura Av. Almirante Reis, com todas as instalações necessárias - estábulos, laboratórios e salas para vacinação. Posteriormente seria transferido para Odivelas (Serra da Amoreira).



*Parque vacinogénico de Lisboa.
Diário Ilustrado, 27 Fevereiro 1888.*

Em 1895, abriu as portas o Instituto Pasteur de Lisboa que importou e era depositário das vacinas produzidas em França.

Todos estas instituições eram de índole privada e a vacina era cara e insuficiente para responder às necessidades do país.

A obrigatoriedade da vacina foi decretada entre nós, em 1899, mas faltou a garantia complementar de uma vacina produzida em número suficiente, mais barata e fiável a que o Real Instituto Bacteriológico Câmara Pestana deveria dar resposta. Com esse fim, um diploma de 1907, decretou a construção de um posto vacínico oficial, anexo e dependente do Instituto Câmara Pestana.

“Jardim Suspenso”. Litografia de Cecília Suzuki



52 - Peça do Mês: Junho

2017

Data

c. 1986

Dimensões

C. 58cm X A. 39cm

Inventário

Museu: *IHMT.0000987*

De ascendência japonesa, Cecília Massae Tamaki Suzuki nasceu em São Paulo / Brasil, em 1941. Formou-se em Arquitetura. Dirigiu a Associação Internacional de Artes Plásticas da Unesco, no Brasil e é membro de diversas Academias Internacionais de Arte. Em várias ocasiões expôs por todo o mundo, e foi laureada com prêmios em Miami, Paris, Roma, São Paulo. Obras suas integram colecções particulares e institucionais.

Casada com um oftalmologista e mãe de oftalmologistas, Cecília Suzuki colheu neste convívio a inspiração para conjugar a ciência com a sua visão de artista. A patologia oftalmológica, bem como a cirurgia ocular, são os temas preferenciais da sua obra, como no “Jardim Suspenso”, onde se dispõem, á maneira de paisagem campestre, retinas diafanizadas, nervos óticos, íris e corpos ciliares, numa harmonia a que os tons verde e ocre emprestam a sensação de uma segura héctica.

A litogravura foi oferecida pela artista ao IHMT quando, em 1988, acompanhou o marido ao VIII Congresso da Sociedade Europeia de Oftalmologia, realizado em Lisboa, com algumas das sessões no Instituto de Higiene e Medicina Tropical.

Está assinada (Cecília M T Suzuki), datada (10.86) e numerada (7/40).

Equipamento de Tradução Simultânea: Auriculares e Recetor Individuais



53 - Peça do Mês: Julho 2017

Data

1958

Dimensões

Recetor l. 7,5cm X A. 11,3cm X

Espessura 3 cm

Auriculares C 18,7cm X L (fechados),

10cm

Inventário

Museu: IHMT.0000988

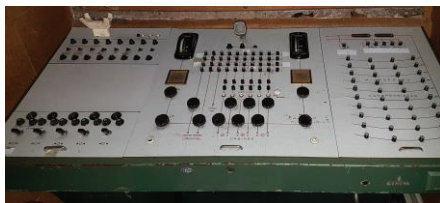


de arquitectura e nos materiais de construção para o edifício que, em 1958, acolheu o Instituto de Medicina Tropical, bem como na escolha do mobiliário e do equipamento para apetrechar os vários serviços. Fraga de Azevedo, o então Director, não deixou nada ao acaso.



Um exemplo é “peça deste mês” do Museu do IHMT – O equipamento individual de tradução simultânea, da marca Siemens, para servir nas sessões multilíngues da Aula Magna do Instituto. Quer o recetor de 4 canais (para quatro diferentes idiomas), quer os auscultadores / auriculares que a ele se conectam eram, à época, do melhor que se fabricava. Ambos têm a marca WSW: inscrita nos auriculares num círculo a vermelho e no recetor, em relevo, na parte posterior da caixa em plástico de cor marfim.

A indicação WSW refere-se à Wiener Schwachstrom Werke, a divisão austríaca da Siemens, dedicada à produção de equipamento áudio. Estes sistemas individuais com recetores e respetivos auscultadores guardam-se num móvel de gavetas compartimentadas. Uma consola de trabalho áudio, Siemens, está ainda instalada numa das cabinas da parte superior da Aula Magna. Servia para controlar o som das diferentes proveniências: microfones da mesa que dirigia as sessões, microfones dos palestrantes, da audiência e dos gabinetes de tradução e ainda o som das projeções em filme ou de gravações, encaminhando-o para os recetores individuais.



Fotografia do Museu de Anatomia Patológica de Moçambique



54 - Peça do Mês: Agosto 2017

Data

1952

Dimensões

A 58cm X L. 41cm

Inventário

Museu: IHMT.0000156

Para a “Exposição Documental das Actividades Sanitárias do Ultramar”, que decorreu em Lisboa na ocasião do 1º Congresso Nacional de Medicina Tropical, em 1952, Moçambique enviou diversos modelos de patologias, feitos em barro e gesso policromado, cópias de algumas das peças que

integravam o Museu do Serviço de Anatomia Patológica do então Hospital Miguel Bombarda, hoje o Hospital Central de Maputo. Ao mesmo tempo enviou também fotografias a sépia, tiradas no Museu, onde se representam as peças originais.

É uma destas fotografias que elegemos para a “peça do mês”. Nela se observa uma perna com enorme tumefacção por filaríase, cujo modelo foi a “peça do mês IHMT” em Junho de 2016. Igualmente, de outros dois modelos representados na fotografia existem também cópias no IHMT.

Para benefício dos alunos do Instituto de Medicina Tropical aqueles modelos, tal como as fotografias, ficaram depois em Lisboa e constituem actualmente um núcleo importante do Museu do IHMT.

Os modelos de patologias executados em Moçambique são peças de admirável perfeição, que em nada devem aos modelos em cera produzidos nas mais afamadas escolas de modelagem europeias. Foram feitos no 2º pavilhão do Grupo de Enfermarias para Indígenas do Hospital Miguel Bombarda, onde o Serviço de Anatomia Patológica possuía um gabinete de modelagem, planeado e equipado com móveis propositadamente desenhados na Repartição Técnica das Obras Públicas de Lourenço Marques.

Carimbo da Escola de Medicina Tropical



55 - Peça do Mês: Setembro 2017

Data

c. 1950

Dimensões

A 6,2cm

Base A. 3,7cm X L. 3,3cm

Inventário

Museu: *IHMT.0000989*

Um dos núcleos do Museu do IHMT é dedicado ao equipamento administrativo e a outros equipamentos de apoio ao funcionamento da Instituição. Desse núcleo faz parte um conjunto de carimbos, de datadores reguláveis e de selos em branco. De todos eles o carimbo de tinta da Escola de Medicina Tropical é o mais antigo e na Biblioteca do IHMT subsistem ainda diversas publicações marcadas com este carimbo.

O carimbo tem pega de madeira em forma de bola, pintada a preto, e a borracha está com muito uso. É dos anos iniciais da Escola, ainda do período da Monarquia.

Tem no centro as armas de Portugal encimadas pela coroa real. Na parte superior, tem inscrito ESCOLA DE MEDICINA TROPICAL, disposto em meia elipse circundante e, em baixo, LISBOA, na horizontal.

“Tomada de Ceuta Pelos Cruzados”. Pintura de Álvaro Hogan



56 - Peça do Mês: Outubro 2017

Data: 1940

Dimensões: A 110cm X L.224cm

Inventário: Museu: IHMT.0000990

A “Tomada de Ceuta pelos Cruzados” é uma pintura a óleo sobre tela, de Álvaro Navarro Hogan (1879 – 1952).

Está assinada “com.^{te} alvaro . hogan” - e datada de 1940 - “ANO MCMXL”.

A pintura foi doada em 2017 ao IHMT, pelos filhos do Professor João Fraga de Azevedo, que foi médico naval até 1940 e diretor do Instituto de Medicina Tropical entre 1943 e 1961, um dos períodos mais marcantes na história da Instituição.

Álvaro Hogan, oficial de Marinha, colaborou na revista Atlântica, dirigida por João de Deus. Em 1937, realizou uma exposição no Secretariado da Propaganda Nacional, presidido por António Ferro, com o tema “Episódios da Epopeia Marítima Portuguesa”. Ilustrou também a obra “História da Marinha Portuguesa”, de Tancredo Faria de Moraes, uma edição do Clube Militar Naval, comemorativa do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal, de que só foi publicado o 1º volume, impresso em 1941.

Estátua de Garcia de Orta, de Martins Correia



57 - Peça do Mês: Novembro 2017

Data

1958

Dimensões

Escultura: A 3,75 m

Pedestal: A. 2,5 m X Diâmetro. 1,25 m

Inventário

Museu: IHMT.0001174

No exterior, a receber o visitante do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, está a estátua em bronze representando Garcia de Orta, sobre um pedestal cilíndrico em pedra.

Garcia de Orta (1501-1568) médico português do Renascimento é uma personalidade fundamental e tutelar para a história da Medicina Tropical.

Com ascendência judia, nasceu em Castelo de Vide, estudou medicina em Salamanca e Alcalá, ensinou e foi médico em Lisboa, embarcando para a Índia em 1534. Na Índia exerceu medicina e alcançou grande prestígio. Escreveu os “Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia ...”, de 1563, uma obra basilar para a medicina nos trópicos, onde estuda, acrescenta, verifica ou contradiz os autores clássicos. “Como testemunha de vista”, Orta revela-nos exemplares da flora asiática e é pioneiro na descrição de patologias tropicais e dos tratamentos com plantas exóticas.

Na estátua, Garcia de Orta, de corpo inteiro e traje seiscentista, segura na mão direita um ramo, que poderá ser de canela e com a mão esquerda ampara um exemplar dos “Colóquios”.

A estátua é da autoria de Martins Correia (1910-1999), foi executada na Fundação de Bronzes de Arte, de José de C. Guedes Lda - Vila Nova de Gaia e recentemente (2017) foi limpa e restaurada.

O pedestal invoca a homenagem do Instituto e a data da inauguração, em Setembro de 1958, quando dos XVI Congressos Internacionais de Medicina Tropical e Paludismo, três meses antes da inauguração formal do edifício.



Inauguração da estátua de Garcia de Orta. 1958

Serpente / *Psammophis Sibilans*



58 - Peça do Mês: Dezembro 2017

Data

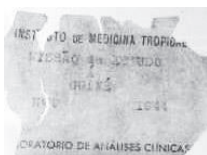
1944

Dimensões

Recipiente: A 16cm X L. 19,5cm X F 8cm

Inventário

Museu: IHMT.0000066



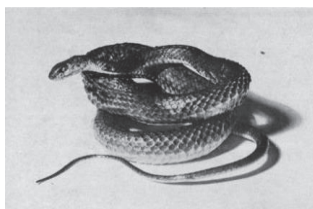
Tropical soros antiofídicos e vacinas, destinados às antigas colónias. Com esse horizonte, aproveitando a missão de estudo da doença do sono que o Instituto fez na Guiné, em 1944, a equipa formada por Fraga de Azevedo, Francisco Cambournac e Manuel Pinto,

recolheu várias espécies de serpentes, conforme relata um artigo dos Anais do IMT (II: 38-41,1945).

A classificação dos ofídios capturados foi então feita por Fernando Frade (1898-1983) e foi agora revista por Mariana Marques, do Museu de História Natural e da Ciência.

A Coleção de Ofídios do IHMT possui 17 exemplares provenientes daquela missão à Guiné. Representa-se a *Psammophis sibilans* (Linné, 1758) da família das Colubridae, com 133 cm de comprimento (Nome comum em inglês: striped sand snake – cobra listrada da areia ou ainda Hissing Sand Snake - cobra assobiadora da areia).

O género *Psammophis*, contém 34 espécies de que a *sibilans* é uma delas. Encontra-se em quase toda a África, sobretudo a Norte da área desértica do Namibe e Kalahari, bem como na Ásia. É um animal diurno, de olhos grandes e pupila redonda e uma das serpentes mais ágeis e rápidas. Alimenta-se principalmente de pequenos répteis e roedores e, embora venenosa, o seu veneno é considerado moderado e não perigoso para o homem. (Fernando Frade classificou-a mesmo como não venenosa).



Fotografia nos Anais IMT (II: 38-41,1945)

Ano 2018

Microscópio Reichert, Modelo A



59 - Peça do Mês: Janeiro 2018

Data

c. 1930

Dimensões

A 31cm X C. (base) 16,8cm

Inventário

Museu: IHMT.0001283



exposição durante o Congresso: “A casa Reichert, de Vienna d’Austria, exhibia uma selecta collecção dos excellentes microscópios” (“O Século”, 27 de Abril de 1906).

Embora mais recente, na coleção de microscópios do Museu IHMT inclui-se um microscópio Reichert (c.1930): Microscópio com de coluna e canhão, com base em ferradura,



lacados a preto. Na coluna o nº 85558. Possui um sistema de revólver para 3 objetivas “Norev”, com uma objetiva acromática Reichert 7a 60X; a ocular, munida de ponteiro interior; platina redonda, rotativa, inclinável com a coluna; mecanismo de cremalheiras para posicionamento da lâmina, também Reichert, com o nº 8697; iluminação por reflexão em espelho; sistema de condensador e diafragma (incompletos).

—Em diferentes salas e galerias da Escola Medica, notaram-se durante o congresso varias installações de annunciados e redamos. As aguas minerais e as micro-medicinas do paiz e do estrangeiro estavam todas largamente annunciadas.

Eram notaveis os apparatus de radiographia e radioscopia de Siemens que todos os dias fizeram numerosas experiencias da visao por transparencia, dos corpos opacos.

A casa Reichert, de Vienna d’Austria, exhibia uma selecta collecção dos excellentes microscopios.

Carl Friedrich Wilhelm Reichert (1851-1922) trabalhou primeiro em Potsdam na fábrica de Edmund Harnack. Em 1875 foi trabalhar com Ernst Leitz, em Wetzlar e, um ano depois (1876), fundou em Viena a sua própria fábrica. Em 1878 casou com a irmã de Ernst Leitz.

À fábrica Reichert, com alguns aparelhos muito semelhantes aos da Leitz, devem-se alguns avanços nas técnicas de microscopia, nomeadamente na microscopia de fluorescência e também a série “Heimdal” (1927), de microscópios portáteis, de campanha, desenvolvidos com a colaboração de Friedrich Kurt Reinsch

Em 1962 a firma Reichert Scientific Instruments foi adquirida pela American Optical.

Frascos em Vidro Castanho. Equipamento de Laboratório



60 - Peça do Mês: Fevereiro 2018

Data

Várias c. 1950 / 1960

Dimensões

Maior: A 12 cm X Diâmetro (base) 5 cm

Inventário

Museu: *IHMT.0001287*

IHMT.0001286

IHMT.0001285



O mais recente núcleo do Museu do Instituto de Higiene e Medicina Tropical é dedicado ao equipamento de laboratório, que se expõe num antigo armário do “Laboratório dos Preparadores”, da Escola e do Instituto de Medicina Tropical, então na Cordoaria.

Para ilustrar uma parte deste núcleo – os vidros de laboratório – selecionou-se um conjunto de frascos em vidro castanho, de tamanhos diversos, com rolhas de vidro, algumas de conta-gotas. Uns conservam ainda a etiqueta original, em papel, que identifica o reagente, do tempo do Instituto de Medicina Tropical, outros têm essa identificação pintada no vidro, outros ainda não apresentam qualquer referência.

Completam este conjunto de vidros de laboratório, agora em exposição, diversas provetas, tubos de ensaio, balões e colunas para destilação, condensadores, buretas, retortas, pipetas, funis, lamparina, caixas de Petri, e outros.

“Pesca Rio” e “Pesca Mar”. Pinturas de Albano Neves e Sousa



61 - Peças do Mês: Março 2018

Data

c.1956

Dimensões

(Sem moldura)

Pesca Rio: A 80cm X L 100,5cm

Pesca Mar: A 75cm X L 97cm

Inventário

Museu: IHMT.0001360

IHMT.0001361



Além do grande painel, pintado em 1956 por Albano Neves e Sousa (1921-1995), representando as “Cenas do Quotidiano numa Sanzala”, em Angola, que foi “Peça do Mês” em Dezembro de 2014, o IHMT possui mais quatro pinturas, com menores dimensões, indubitavelmente também daquele pintor, embora não estejam assinadas nem datadas.

Pintadas em painéis de fibras de madeira prensadas (Platex), duas dessas pinturas

têm, respetivamente, a inscrição: “Pesca Rio” e “Pesca Mar”.

Na “Pesca Rio”, onde predominam as cores sépia, representam-se três figuras femininas em pé, dentro de água. Uma delas recolhe para num cesto (balaio) o peixe capturado por uma armadilha que outra mulher manuseia. A terceira observa, transportando na mão direita uma alfaia.

Na “Pesca Mar”, com tons azuis, ocre, castanho e brancos estão representadas sete figuras. Um grupo de homens iça para a margem uma rede de pesca e três outros personagens observam, duas mulheres e um jovem. Sobre a areia algum do pescado já recolhido.

Estas obras foram recentemente restauradas no Departamento de Conservação e Restauro da Faculdade de Ciências e Tecnologia / UNL, com o patrocínio da Fundação Millennium BCP.

“Caça” e “Gado”. Pinturas de Albano Neves e Sousa



62 - Peças do Mês: Abril 2018

Data

c.1956

Dimensões

(Sem moldura)

Caça: A 75cm X L 91cm

Gado: A 80cm X L 100cm

Inventário

Museu: *IHMT.0001363*

IHMT.0001362



As pinturas, “Caça” e “Gado”, sobre prensado de fibras de madeira (Platex), sem data nem assinatura, completam com as “Peças do Mês” de Março de 2018 o conjunto de quatro pinturas de Albano Neves e Sousa (1921-1995).

Na “Caça”, representam-se quatro figuras masculinas. Dois dos homens estão armados de lanças. Uma gazela jaz no solo e outras duas são transportadas aos ombros dos

caçadores.

A pintura “Gado” transmite um particular dramatismo. O cenário ilustra uma situação de seca das pastagens, que uma caveira de antílope junto de arbustos secos, reforça. Uma figura masculina, de braço caídos e abertos exprime a impotência, olhando ao alto, o infinito, interpela o Além.

Tal como o grande painel das “Cenas do Quotidiano numa Sanzala”, igualmente de Albano Neves e Sousa, estas pinturas foram executadas em Angola e oferecidas a um professor do Instituto de Medicina Tropical.

Foram recentemente restauradas por Sara Babo e Diana Conde, do Departamento de Conservação e Restauro da Faculdade de Ciências e Tecnologia / UNL, mercê do patrocínio da Fundação Millennium BCP.

Balança de Torção



63 - Peça do Mês: Maio 2018

Data

c.1940

Dimensões

A 44cm X L 27cm X P 19cm

Inventário

Museu: IHMT.0000763



O Museu do IHMT possui um conjunto de balanças de precisão outrora utilizadas nos laboratórios para trabalhos de análises e investigação. Uma das mais antigas é a balança de torção agora escolhida como “peça do mês”, datando de c.1940. Etiquetas em metal e papel identificam-na com inventários do Instituto de Medicina Tropical.



As balanças de torção, cujos modelos de precisão mais primitivos remontam a c.1740 (Cavendish (1731-1810) e Coulomb (1736-1806)) permitiram significativos avanços da fisiologia e

bioquímica, na primeira metade do séc. XX, utilizando técnicas de microanálise. Foi assim possível medir, de forma engenhosa, com amostras diminutas e uma maior precisão, a glicémia, o álcool no sangue, o veneno dos ofídios, proteínas, lípidos, ..., esclarecendo-se problemas metabólicos e a química fisiológica. No âmbito destes estudos destacam-se, nos primeiros anos do século XX, os trabalhos dos americanos Otto Folin (1867-1934) de origem sueca, com as análises sanguíneas e Donald Van Slyke (1883–1971) na gasometria bioquímica; do escandinavo Ivar C. Bang (1869-1918), pioneiro na micro-bioquímica; do sino-americano Hsien Wu (1893-1959), com a desnaturação proteica; dos alemães Ludwig Heilmeyer (1899-1969), na espectrofotometria médica, e Hans Krebs (1900-1981), naturalizado inglês e prémio Nobel da Fisiologia e Medicina, em 1931; de Linus Pauling (1901-1994), americano, prémio Nobel da Química em 1954 e da Paz em 1962.

A balança do IHMT tem uma base com um nível de bolha de ar e 3 ramos em Y, munidos de parafusos para nivelamento. Da base parte uma coluna metálica vertical que suporta o mecanismo. Exterior ao mostrador, à frente, um cursor com manipulo permite ajustes da mola em espiral, no interior. O

material a pesar utiliza um sistema (aqui incompleto) apenas ao lado direito do mostrador. Permite pesagens até 500mg., com intervalos de leitura de 1mg., calibrada para +20°C. Na parte posterior da balança, um parafuso com a indicação “index correction”, destina-se aos acertos de correção. Como o atestam as inscrições no mostrador, esta balança foi produzida por Hartmann & Braun, com fábrica em Bockenheim - Frankfurt, na Alemanha e tem o número de série 780394. Foi comercializada por Ernst Leitz, de Berlim, conforme a etiqueta no pé.

Maqueta do Hospital do Zóbuè - Moçambique.



64 - Peça do Mês: Junho 2018

Data

1950 - 52

Dimensões

C 62 cm X L 64,5 cm X A. 6,7 cm

Inventário

Museu: IHMT.0000047

“Exposição Documental das Actividades Sanitárias do Ultramar” que se realizou no Palácio Burnay, na ocasião do 1º Congresso Nacional de Medicina Tropical.

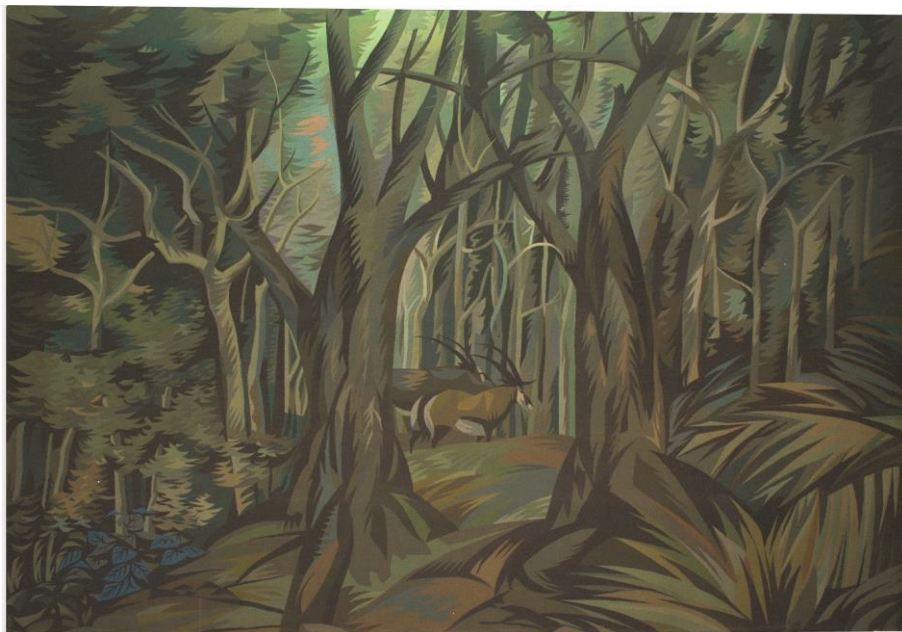
O Hospital do Zóbuè, ainda em funcionamento, localiza-se na província de Tete junto à fronteira com o Malawi. É um projeto de 1940, do eng.º Mário Ferreira Fernandes, então diretor dos Serviços de Obras Públicas de Moçambique e destinava-se ao internamento de doentes da Missão de Combate às Tripanosomíases (doença do sono). Hoje serve ainda o propósito de uma unidade de saúde com isolamento para outras doenças contagiosas, além de possuir uma pequena maternidade.

Tem uma planta cruciforme sendo uma das alas destinada a enfermaria de homens e outra de mulheres; nas restantes alas situavam-se as salas para tratamento e para cirurgia, os sanitários, serviços comuns e dois quartos para isolamento. Para facilitar o arrefecimento o Hospital possui telhado de dois níveis e é circundado por uma galeria de sombreamento que se prolonga do telhado, suportada á periferia por colunas.

A maqueta pertence à coleção do Museu do IHMT, que integra outros 7 exemplares de edificações de saúde em Moçambique, dois de Angola e um de São Tomé e Príncipe, além do próprio Instituto, em Lisboa.

Esta peça constitui também um dos elementos com que se inicia o projeto “O Museu na Ponta dos Dedos”, uma colaboração entre o IHMT e o FabLab da FCT / UNL, destinado a tornar acessíveis algumas peças do Museu, aos visitantes deficientes visuais.

“Paisagem Tropical”, de Manuel Lapa. Tapeçaria de Portalegre:



65 - Peça do Mês: Julho 2018

Data: 1959

Dimensões: A 266 cm X L 385 cm

Inventário. Museu: IHMT.0000956

Quando do projeto de planeamento e da construção do edifício para o Instituto de Medicina Tropical, inaugurado em 1958, foram também escolhidas algumas obras de arte para o ornamentar: estatuária, painéis de azulejos e uma tapeçaria.

O contrato de encomenda da tapeçaria, cuja escolha careceu de um parecer prévio de Raul Lino, foi celebrado entre a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre. Tem o nº223, está datado de 31 de Agosto de 1959 e o custo da adjudicação foi de trinta e dois mil e duzentos escudos.

A obra foi entregue e instalada na Sala do Conselho do Instituto, a 7 de Dezembro de 1959.

Executada em lã, sobre trama de algodão, a tapeçaria tem por base um cartão do pintor Manuel Lapa (1914 - 1979), e foi executada sob a orientação

de Guy Roseta Fino (1920 - 1997), na altura o gerente da firma Tapetes de Portalegre / Manufactura de Tapeçarias de Portalegre.

Com tons predominantes de verdes seco, ocres e castanhos, representa uma paisagem tropical com o denso arvoredo da selva africana onde, numa clareira iluminada, passam dois antílopes.

No canto inferior direito está a indicação do autor do desenho e a data: M. LAPA – 59.

No canto inferior esquerdo foi bordado o monograma da Manufactura de Tapeçarias de Portalegre, as letras TMP dispostas na vertical e, logo em baixo, a assinatura de Guy Fino.

Pilão / Almofariz.



66 - Peça do Mês: Agosto 2018

Data

c. 1957

Dimensões

Pilão: A. 34cm X Diâmetro 20cm

Mão do pilão: 62 cm X Diâmetro 8cm

Inventário

Museu: *IHMT.0000417*

IHMT.0000417 A



Pilão é o nome frequentemente utilizado na África de língua portuguesa (e também no Brasil) para designar o almofariz.

É uma peça essencial para a alimentação, utilizada para moer (pilar) os alimentos, em geral o milho, o sorgo, o amendoim, o caju, ou mesmo a mandioca. Serve também para descascar o arroz.

O pilão africano é uma peça de madeira, feita de um tronco escavado e talhado até ficar semelhante a uma taça.

No interior da concavidade colocam-se os cereais que se esmagam com um bastão, o pau ou mão do pilão, até ficarem com o grau desejado de moagem, mais grosso ou mais fino, consoante sejam mais ou menos batidos.

Quase todos os aldeamentos africanos possuem um pilão comunitário, de maiores dimensões que os individuais e são habitualmente utilizados em simultâneo por várias mulheres colocadas em redor do pilão, cada uma com o seu bastão, que utilizam alternadamente ao ritmo de uma cantilena.

O pilão que aqui representamos, do espólio do Museu IHMT, é um pilão individual, proveniente de N'Zeto (antigamente Ambrizete), em Angola.

A mão do pilão tem a forma de V, o que permite um movimento angular, de cotovelo apoiado, a assim menos fatigante que o movimento vertical.

As peças integram a coleção de Nutrição, onde também se expõe, por exemplo, o milho em diferentes graus de trituração até um mais fino, a farinha.

Armadilha para Captura de Glossinas (Mosca Tsé-tsé)



67 - Peça do Mês: Setembro 2018

Data

1956

Dimensões

A. 100cm X C 63cm X L (área convexa do pano) 50cm

Inventário

Museu: IHMT.0000417

A “peça do mês” é uma armadilha de Morris tal como o Prof. Fraga de Azevedo a descreveu no artigo dedicado à Missão do Instituto de Medicina Tropical, de 1956: - Azevedo, J. Fraga de, et. al. - *O Reaparecimento da Glossina Palpalis Palpalis na Ilha do Príncipe; Estudos, Ensaios e Documentos*, n°89; Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1961.

Entre Maio e Agosto de 1956, o Instituto de Medicina Tropical realizou uma Missão de Estudo à Ilha do Príncipe, depois de alertado para o reaparecimento da mosca tsé-tsé (*Glossina palpalis palpalis*) naquela Ilha. A mosca tinha sido erradicada da Ilha havia mais de 40 anos, pela meritória campanha dirigida por Bruto da Costa entre 1911 e 1914, na sequência do flagelo da doença do sono que, no fim do séc. XIX e primeiros anos do Séc. XX, reduzira a população do Príncipe a 1/10.

Nos objetivos da Missão de 1956 havia que, entre outros estudos, determinar a distribuição e densidade de glossinas nas diversas áreas da ilha, bem como pesquisar a existência do parasita da doença do sono (tripanosoma) na população, nos animais e na mosca vetora.

Para a captura das moscas ensaiaram-se diversos métodos, como o método de Maldonado e as armadilhas de Harris e de Morris. Após um estudo comparativo foi a armadilha de Morris que mostrou ser o método mais eficaz, sendo então fabricadas na ilha do Príncipe, mais de um milhar dessas armadilhas.

Modelo de Tumor do Globo Ocular e da Órbita.



68 - Peça do Mês: Outubro 2018

Data

1952

Dimensões

A. 35cm X L 24cm (base 43cm)

Inventário

Museu: IHMT.0000005

Peça em argila e gesso, que integra a coleção de modelos de patologias, executados em Moçambique, para a “Exposição das Actividades Sanitárias do Ultramar” - Lisboa, 1952.

Mostra uma cabeça de criança de raça negra, aproximadamente com 3 anos de idade, com um tumor do globo ocular direito e órbita, e possível invasão da face homolateral, por metástase. A estrutura do globo ocular direito e órbita está profundamente destruída e alterada, transformada numa massa rugosa, heterogénea, onde zonas com coloração vermelha e branco-amareladas evidenciam vasos anómalos, pequenas hemorragias e áreas de exsudação. Na região malar direita há ainda uma acentuada elevação cónica com cratera no vértice, que deve corresponder a uma invasão por metástase, acompanhada de processo inflamatório / infeccioso e orifício de drenagem.

O diagnóstico pode corresponder a um retinoblastoma em adiantado estado de evolução. O retinoblastoma é um tumor da criança extremamente maligno, muito invasivo e metastático quando não é tratado em tempo útil. Ocorre geralmente em crianças até aos 3 anos de idade com uma incidência de 1/15000 a 30000. Em muitos dos casos tem componente hereditária.

Com esta peça o Museu do IHMT dá início ao projeto “O Museu na Ponta dos Dedos”, que junta às peças do espólio do IHMT, modelos tridimensionais, palpáveis, áudiodescrição e informação em braille.



*Modelo 3D, palpável,
em plástico*

Candja (Quiabo)



**69 - Peça do Mês: Novembro
2018**

Data

c. 1957

Dimensões

A. 8cm X Diâmetro c.5cm

Inventário

Museu: IHMT.0000151

Candja é a designação em crioulo para o quiabo (*Abelmoschus esculentus* ou *Hibiscus esculentus*), uma planta da família *Malvacea*, comum na alimentação indígena da Guiné-Bissau. Na etnia fula toma o nome de tacu; em mandinga é ná; para os beafadas, mandaga; os nalús chamam-lhe netantiron.

É muito utilizado na alimentação dos povos da Guiné-Bissau, em especial da etnia Fula, que utilizam quer o fruto fresco quer depois de cozinhado, a acompanhar o arroz. Também, por vezes, utilizam as folhas da planta e o fruto seco, triturado no pilão.

A candja é igualmente um dos ingredientes da composição do “mafé”, um condimento usado na culinária africana.

O fruto é uma vagem alongada, de cápsula fibrosa, cheio de sementes redondas. Na variante local é habitualmente mais curto e mais largo do que o quiabo conhecido nos mercados europeus. É rico em vitamina A e algumas vitaminas B, rico também em fibra, mas pouco calórico.

É geralmente cultivada em pequenas hortas, junto das habitações.

O exemplar representado, do fruto seco com algumas sementes no interior, é proveniente da Guiné e pertence à coleção de Nutrição do Museu do IHMT.

Enxugador de Tinta / Mata Borrão



70 - Peça do Mês: Dezembro 2018

Data

c. 1960

Dimensões

A. 7,5cm X Diâmetro 10cm

Inventário

Museu: IHMT.0001602

No tempo em que a escrita se fazia com canetas de aparo, com ou sem depósito incorporado para a tinta líquida, era importante ter à mão um mata-borrão para evitar o alastramento da tinta quando acontecia um indesejado derrame e, para no fim da escrita, se enxugar o excesso de tinta, que ainda não tinha secado sobre o papel. O enxugador / mata-borrão, substituiu assim a areia (ou as cinzas) que fazia parte dos ancestrais conjuntos de secretária, compostos pela pena ou caneta de aparo, um tinteiro e um areeiro, peças fundamentais em qualquer escritório.

O mata-borrão é um papel absorvente. Tanto existe em folhas individuais, separadas, com dimensões diversas, como em pequenas folhas montadas numa peça basculante com manipulo, ou em rolo, habitualmente de formato elíptico.

É um destes rolos de papel mata-borrão, da marca Role, nunca usado, que constitui a nossa “peça do mês”. Tem a curiosa indicação que na sua compra eram oferecidos dois cinzeiros, como brinde.

A peça integra, com outros equipamentos de secretariado, administração e serviços de apoio o núcleo respetivo do Museu do IHMT.

A marca Tank, por lembrar os carros de assalto (tanques) utilizados na I Guerra Mundial, foi a mais conhecida para este tipo de rolo de papel enxugador de tinta, generalizando-se o nome a outros fabricantes.



Ano 2019

Painéis de Azulejos de Lino António



71 - Peça do Mês: Janeiro

2019

Data

1958

Dimensões

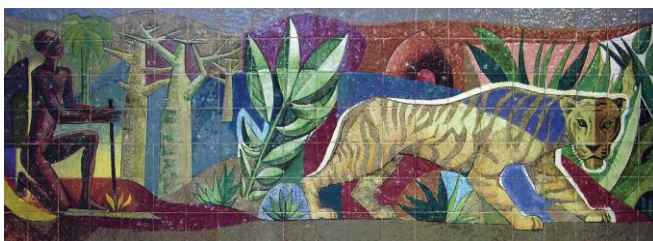
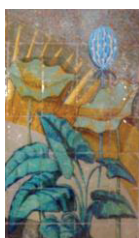
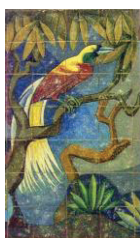
Revestimento total c.31m²

Parede norte: azulejos retangulares de 29cm X 15cm

Paredes nascente e sul: azulejos quadrados de 14,5cm X 14,5cm

Inventário

Museu: IHMT.0001605



O ano de 2019 abre com mais uma “peça do mês” para divulgação do património do IHMT: Os 28 painéis cerâmicos de Lino António, desenhados para o refeitório do Instituto de Medicina Tropical, atualmente a sala Cambournac.

O conjunto cobre, em todo o pé-direito, metade da parede norte da sala; desenvolve-se depois, a meia altura (1,15m), percorrendo a parede nascente,

entre portas e janelas; e termina revestindo, a meia altura, a parede sul. Os painéis formam, assim, uma superfície extensa policromada, de cores vivas, que

emprestam vida e luminosidade à sala, mas também, funcionalmente, facilitavam a manutenção e limpeza das paredes, nesta área para refeições.

Foram executados possivelmente na Escola António Arroio, ou em barracão adaptado.

O painel principal está assinado e datado de 1958, ano da inauguração do edifício.

Têm como tema geral cenas do quotidiano das atividades humanas em África, de permeio com animais e plantas. São, igualmente, uma homenagem à herança legada à Humanidade: – a família, a descoberta do fogo, a pintura primitiva, a manufatura de utensílios domésticos, a caça, a preparação e confeção dos alimentos.

Encimando o painel principal, à esquerda, o sol ilumina, simbolicamente, o percurso das várias cenas e, logo depois uma serpente representa os poderes ocultos da Medicina, seguindo-se um anjo que transporta um fecho de luz.

Representa-se a família, com o pai e a mãe contemplando o bebé de colo; as tarefas na tabanca, com a lavagem e escolha do arroz, o trabalho no pilão, o transporte de sisal. De seguida é o fabrico de recipientes em barro. Mais além uma criança é aconchegada no seio da mãe, enquanto o homem assa no espeto uma peça de caça. Um bebé é transportado às costas da mãe e um jovem casal, ao longe, namora. Também a pintura de um elefante na parede de uma caverna, iluminada pelo fogo. A caça, com lança ou de arco e flecha, distribui-se com diversas alusões de maior ou menor detalhe. Uma girafa, zebras, gazelas, um macaco e um tigre, a par de várias aves exóticas, intercalam-se com plantas da flora tropical, ao longo de todo este envolvimento cerâmico.

Alguns dos azulejos do painel norte foram restaurados em 2012, por apresentarem deteriorações, fraturas e erosão, devidas a infiltrações na parede.

Emblema do I Congresso Nacional de Medicina Tropical



72 - Peça do Mês: Fevereiro 2019

Data

1952

Dimensões

Diâmetro. 3cm

Inventário

Museu: IHMT.0001606

O I Congresso Nacional de Medicina Tropical decorreu em Lisboa, entre 24 e 29 de Abril de 1952, comemorando também o cinquentenário da fundação da Escola de Medicina Tropical.

À data a Escola de Medicina Tropical estava ainda alojada na Cordoaria Nacional, pelo que algumas das atividades do Congresso decorreram no Palácio Burnay, à rua da Junqueira, onde se realizou, em simultâneo com o Congresso, a “Exposição das Actividades Sanitárias do Ultramar”.

Durante o Congresso decorreu também o lançamento da 1ª pedra para o novo edifício do Instituto de Medicina Tropical, localizado em terrenos contíguos aos do palácio Burnay, e que só seria inaugurado em 1958.

O Museu e Arquivos do IHMT possuem relevante documentação desse I Congresso e da referida Exposição.

O emblema do Congresso é uma peça circular em latão, na face visível com esmalte policromado. Além das inscrições circundantes, de referência ao Congresso e aos 50 anos da Instituição da Medicina Tropical o emblema tem, no centro, a imagem de uma cobra envolvendo uma taça, colocadas sobre um fundo de folhas de palmeira, e ainda as inscrições - Lisboa e 1952. Serviu para identificação dos congressistas, cujo nome figurava numa pequena moldura de latão com alfinete, de onde pendia uma fita com o emblema.

O emblema foi executado na Casa João Anjos, localizada na rua da Misericórdia, em Lisboa.

Este emblema serviu de base para as medalhas comemorativas dos 2º Congresso Nacional de Medicina Tropical, em 2013, dos 3º e 4º Congressos Nacionais de Medicina Tropical, em 2015 e 2017.

Entre 10 e 12 de Abril de 2019 realizou-se o 5º Congresso Nacional de Medicina Tropical, que também recorreu à mesma imagem.

Selo Branco do Instituto de Medicina Tropical



73 - Peça do Mês: Março 2019

Data

c. 1945

Dimensões

Prensa do carimbo: A 28cm X Base

C 21,3cm

Selo: L. 4,5cm X C. 3cm

Inventário

Museu: IHMT.0000607

O selo em branco do Instituto de Medicina Tropical foi utilizado para autenticar documentos no último período em que a Escola / Instituto estiveram instalados na Cordoaria Nacional.



A peça é em ferro fundido com a base e coluna pintadas com amarelo ocre e a coluna decorada com motivos vegetais; o manipululo é em aço.

O selo deixa uma impressão em relevo, retangular, bordada por cercadura de pontos. No interior tem: em cima; MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS; depois a esfera armilar com o escudo de Portugal apostado, rodeados de ramos de oliveira; logo em baixo numa primeira linha de concavidade superior, INSTITUTO DE MEDICINA e depois, em três linhas direitas, TROPICAL / DE / LISBOA.

Sob a direção de Ayres Kopke (1928 – 1936), em 29 de Maio de 1935 – lei 1.920, a Escola de Medicina Tropical passou a designar-se Instituto de Medicina Tropical, sofrendo então profunda reformulação. Por seu lado, a 15 de Junho de 1951, com o Decreto-Lei 38.300, o Ministério das Colónias foi extinto, dando lugar ao Ministério do Ultramar. Assim, o selo em branco corresponde ao período entre essas datas.

Armário Metálico de Gabinete / Laboratório Médico



74 - Peça do Mês: Abril 2019

Data

c. 1930

Dimensões

A 160cm X L 70cm X Fundo 37cm

Inventário

Museu: IHMT.0001617

Uma fotografia do arquivo do IHMT mostra o Prof. Ayres Kopke (1866 -1947) no seu laboratório da Escola de Medicina Tropical, tendo ao fundo o armário que agora selecionámos para “Peça do Mês”.

Trata-se de um armário em ferro pintado na cor marfim, com dois compartimentos, sendo o superior com fundo metálico, porta e lados com vidro transparente e três prateleiras em vidro; e o compartimento inferior, mais pequeno, com porta de báscula, todo revestido a ferro. Os pés altos e esguios (posteriormente pintados de preto) denunciam o estilo “vintage” deste equipamento, utilizado nos laboratórios ou gabinetes médicos da época. As

portas conservam ainda os puxadores originais, em metal cromado.

Armário e fotografia integram um dos núcleos da exposição “Investigar, Prevenir e Tratar. Retrospectiva dos Serviços de Saúde na Época Colonial”, presentemente em exibição no IHMT. Dentro do armário, expõem-se alguns exemplares da bibliografia de Ayres Kopke, bem como de outros professores e investigadores da Escola / Instituto de Medicina Tropical, em especial dos que desempenharam cargos de relevância nas estruturas da Organização Mundial de Saúde.



*Ayres Kopke no seu gabinete.
Fotografia (23cm X 28cm)
(IHMT 0001617)*

Verme da Guiné. Fotografia



75 - Peça do Mês: Maio 2019

Data

c.1952

Dimensões

A 8.5cm X L. 12cm

Inventário

Museu: IHMT.0001038

Fotografia do arquivo do IHMT representando o verme da Guiné (*Dracunculus medinensis*, "pequeno dragão de Medina"), o nematode causador da Dracunculose, parasitose que infecta o homem.

A doença resulta da ingestão de água contaminada por pequenos *Cyclops*, pulgas da água com 1 a 2mm, infestados por larvas do parasita. O verme migra depois no tecido subcutâneo humano, atinge o estado adulto e acaba por provocar uma úlcera e emergir na pele, libertando milhares de larvas em estadio inicial, que se deslocam na água e serão ingeridas pelas pulgas.

A fêmea adulta do nematode, com 1 a 2 mm de espessura, pode atingir 80 cm de comprimento (na fotografia com 49,5 cm), mas o verme macho é bastante mais pequeno – cerca de 3 cm.

A doença está descrita no Papiro de Ebers (c.1550a.C.) e vermes calcificados foram encontrados em múmias egípcias.

A designação de "verme da Guiné" aparece só nos séculos XVI - XVII, quando os europeus o encontraram parasitando as populações da costa ocidental de África.

Estima-se que, em 1986, existiriam 3,5 milhões de humanos infetados pela Dracunculose, sobretudo na Ásia e África, com alguns casos esporádicos na América do Sul. Devido aos cuidados de higiene e à prevenção, sobretudo a ingestão de água potável (ou filtrada), a infestação humana diminuiu significativamente em mais de 90%. Em 2013 foram assinalados apenas 148 casos e só umas dezenas de notificações foram reportadas em 2017, no Sudão do Sul, Etiópia, Mali e Chade.

Sendo considerada uma das doenças tropicais negligenciadas, é expectável que a Dracunculose venha a ser a primeira doença parasitária globalmente erradicada. Porém, o aparecimento dum verme similar parasitando cães e gatos desencadeou novos estudos com investigações recentes.

Alunos Matriculados na Escola de Medicina Tropical. Gráfico



76 - Peça do Mês: Junho 2019

Data: 1952

Dimensões: A. 38cm X L. 148cm;

Inventário Museu: IHMT.0001618

Instituída por Carta-de-lei de 24 de Abril de 1902, a Escola de Medicina Tropical funcionou até 1934 e, em 1935, a sua designação mudou para Instituto de Medicina Tropical. Ocupou uma parte das Instalações da Cordoaria Nacional, na Junqueira, em Lisboa onde dispunha de laboratórios, biblioteca, salas para aulas teóricas e práticas e instalações administrativas.

O gráfico, com a estatística do número de alunos que se matricularam em cada ano letivo na Escola de Medicina Tropical, foi provavelmente executado para a exposição que acompanhou as comemorações do seu cinquentenário, em 1952.

No gráfico é reproduzida com dimensões proporcionais uma mesma fotografia de uma aula prática, com vários alunos em observação ao microscópio. A dimensão relativa traduz o número de alunos inscritos anualmente no Curso de Medicina Tropical.

No primeiro ano de funcionamento matricularam-se apenas 7 alunos. Nos anos letivos de 1919/1920, 1920/1921 e 1927/1928, houve um significativo incremento de matrículas, que ultrapassou as seis dezenas em cada período. Contudo, foi nos dois últimos anos (1932/33 e 1933/34) que antecederam a mudança do nome da Escola para Instituto, que se registou um maior número de matrículas, próximo dos noventa alunos por ano letivo.

Chuveiro de Campanha



77 - Peça do Mês: Julho 2019

Data

c. 1960

Dimensões

cilindro de lona: A. 30cm X Diâmetro. 23cm

Dispensor metálico: A 6cm X Diâmetro.10cm

Inventário

Museu: *IHMT.0001619*

Chuveiro portátil, em lona branca impermeável, utilizado nas campanhas do Instituto de Medicina Tropical.

Com o formato cilíndrico e capacidade para aproximadamente 12 litros, pode ser suspenso por meio de uma alça. Na parte inferior, uma peça em metal cromado – “pinha”, serve para dispensar da água.

Foi produzido pela FACAL, Fábrica de Artigos de Campismo e Ar Livre, Lda., fundada em 1944 e sediada na Quinta do Charquinho, em Benfica, Lisboa, fábrica hoje extinta.



Cartão de Identidade da Casa do Pessoal do I.H.M.T.

CASA DO PESSOAL DO INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL LISBOA
C. A. T. N.º 438 DA I. N. A. T. E. L.

CARTÃO DE IDENTIDADE N.º

NOME _____

O PRESIDENTE DA DIREÇÃO _____

de _____ de _____

ASSINATURA DO TITULAR _____

Aprovado pelo Ministério do Interior, Alvará A. Portaria N.º 12303, de 24 de Março de 1945, Diário do Governo N.º 63 de 24 de Março de 1945, série I, vol. 1.º

Casa do Pessoal do Instituto de Higiene e Medicina Tropical
C. A. T. N.º 438 DA I. N. A. T. E. L.

Nome N.º _____ Ass. de _____

Quota Ordinária Mensal _____
Quota Suplementar _____
TOTAL _____

CASA DO PESSOAL DO CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO DO INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL, LISBOA. (CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO N.º 438). (REGISTO N.º 1085).

1950 _____ 1951 _____ 1952 _____
1953 _____ 1954 _____ 1955 _____
1956 _____ 1957 _____ 1958 _____
1959 _____ 1960 _____ 1961 _____

CASA DO PESSOAL DO CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO DO INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL, LISBOA. (CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO N.º 438). (REGISTO N.º 1085).

1962 _____ 1963 _____ 1964 _____
1965 _____ 1966 _____ 1967 _____
1968 _____ 1969 _____ 1970 _____

CASA DO PESSOAL DO CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO DO INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL, LISBOA. (CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO N.º 438). (REGISTO N.º 1085).

1971 _____ 1972 _____ 1973 _____
1974 _____ 1975 _____ 1976 _____
1977 _____ 1978 _____ 1979 _____
1980 _____ 1981 _____ 1982 _____

CASA DO PESSOAL DO CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO DO INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL, LISBOA. (CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO N.º 438). (REGISTO N.º 1085).

1983 _____ 1984 _____ 1985 _____
1986 _____ 1987 _____ 1988 _____
1989 _____ 1990 _____ 1991 _____
1992 _____ 1993 _____ 1994 _____
1995 _____ 1996 _____ 1997 _____
1998 _____ 1999 _____ 2000 _____

CASA DO PESSOAL DO CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO DO INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL, LISBOA. (CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO N.º 438). (REGISTO N.º 1085).

2001 _____ 2002 _____ 2003 _____
2004 _____ 2005 _____ 2006 _____
2007 _____ 2008 _____ 2009 _____
2010 _____ 2011 _____ 2012 _____

CASA DO PESSOAL DO CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO DO INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL, LISBOA. (CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO N.º 438). (REGISTO N.º 1085).

2013 _____ 2014 _____ 2015 _____
2016 _____ 2017 _____ 2018 _____
2019 _____ 2020 _____ 2021 _____
2022 _____ 2023 _____ 2024 _____

CASA DO PESSOAL DO CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO DO INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL, LISBOA. (CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO N.º 438). (REGISTO N.º 1085).

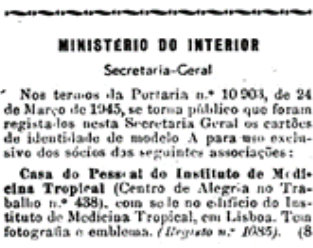
2025 _____ 2026 _____ 2027 _____
2028 _____ 2029 _____ 2030 _____

78 - Peça do Mês: Agosto 2019
Data
 1975
Dimensões
 Cartão de identidade A. 8cm X L. 12cm
 Folha de selos de quotizações A. 27,5cm X L. 10,5cm
Inventário
Museu:
 Cartão identidade IHMT.0001621
 Folha de selos IHMT.0001620

A Portaria 10903, de 24 de Março de 1945 (Ministério do Interior - Diário do Governo nº63/1945, série I), definiu o tipo de Cartão de Identidade para uso das associações de instrução, cultura, recreio, educação física, desporto e similares.

Anteriormente, em 13 de Junho de 1935, tinha sido instituída a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT) que, segundo o sistema corporativista, integrava as estruturas de base das empresas, designados Centros de Alegria no Trabalho (CAT) com os Centros de Recreio Popular (CRP) das zonas residenciais urbanas. Em 3 de Abril de 1975 a FNAT passou a denominar-se Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (INATEL) e os CATs foram substituídos pelos Centros de Cultura e Desporto (CCDs). Em 25 de Junho de 2008, o INATEL deixou de pertencer à administração central do Estado, instituindo-se como uma fundação privada com estatuto de utilidade pública, a Fundação INATEL.

A 24 de Fevereiro de 1960 (D.G. nº46/1960, série III) o Cartão de Identidade da Casa do Pessoal do Instituto de Medicina Tropical ficou registado com o nº 1085, cabendo-lhe, enquanto Centro de Alegria no Trabalho, o nº 438. Tinha emblema próprio, inspirado no do I.M.T: uma cobra, símbolo da medicina, sobre a esfera armilar.



As “peças do mês”: o cartão de identidade da Casa do Pessoal e a folha anual com os selos mensais destacáveis, relativos às quotas dos sócios, são já do período do I.H.M.T. Desde 1972 que a designação do Instituto passara a Instituto de Higiene e Medicina Tropical mas, contudo, o cartão conserva o primitivo nome do registo - Casa do Pessoal do Instituto de Medicina Tropical, bem como o número do Centro de Alegria no Trabalho, embora já atualizado na sigla INATEL.

Balança AVERY



79 - Peça do Mês: Setembro 2019

Data

1960

Dimensões

A.28 cm; L.40cm; P.30cm

Inventário

Museu: IHMT.0001622



A balança em esmalte branco, Avery A946, com o nº 1761, foi utilizada no Instituto de Medicina Tropical conforme indica a chapa metálica do inventário: IMT FOT. 8870.

A pequena coluna central da balança exibe, de ambos os lados, em placa circular, a marca/símbolo da Avery. Na parte superior da coluna um nível de bolha de ar permite o nivelamento horizontal do aparelho, feito através do ajuste dos 4 pés com apoios de rosca. Com dois pratos, a balança permite pesagens por báscula até 2kg e um mostrador em cada lado apresenta uma escala dos 0 aos 100gr, avaliando subdivisões de 1gr.

A história das balanças Avery remonta a 1731, em Birmingham – Reino Unido. Em 1818 a fábrica já usava o nome de W & T Avery (dos irmãos William e Thomas Avery). Desde então não parou de expandir-se por aquisições e junções com outros fabricantes. Em 2000 passou para os americanos da Weigh Tronix, de Minnesota, integrada em 2008 no grupo ITW - Illinois Tool Works.

A principal área de produção foi, desde o início, as balanças para pesagens de diversas utilizações, no comércio ou na indústria, contudo, fabricou também bombas medidoras para combustível e, no período da II Grande Guerra produziu armamento pesado. Evoluiu e adaptou-se: - Desde 1979, as balanças analógicas, mecânicas, foram progressivamente substituídas por balanças eletrônicas, digitais, de maior precisão.

Teve representação em Portugal, a Avery Portuguesa Limitada, com sede na Rua Braamcamp, em Lisboa.

“Epidemiologia da Malária”. Painel dos VI Congressos de Medicina Tropical e Paludismo



80 - Peça do Mês: Outubro 2019

Data

1958

Dimensões

A.105 cm X L 72cm

Inventário

Museu: IHMT.0000711

De 5 a 13 de Setembro de 1958 realizaram-se em Lisboa, no novo edifício do Instituto de Medicina Tropical, à Junqueira, os VI Congressos Internacionais de Medicina Tropical e Paludismo. O evento constituiu o primeiro acontecimento relevante nas novas instalações do Instituto, realizando-se mesmo antes da sua inauguração formal, que só viria a ocorrer a 12 de

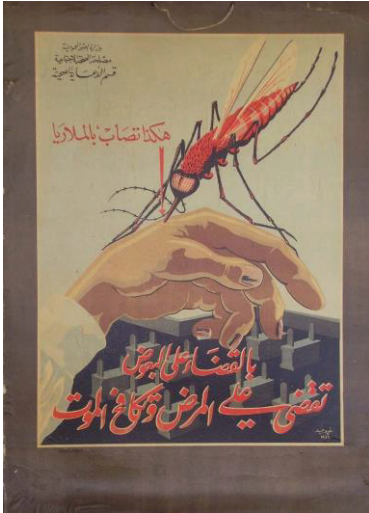
Dezembro daquele ano.

O cartaz, versando sobre “A Epidemiologia da Malária” foi um dos apresentados naqueles Congressos.

Num mapa mostra-se a distribuição mundial da doença na época, tendo por base os dados da Organização Mundial da Saúde, de 1955, e refletindo já o resultado do combate à doença com a utilização de inseticidas de ação residual. Vários círculos destacam o Portugal europeu e as Colónias.

Um conjunto de oito fotografias ilustram vários tipos de criadouros dos mosquitos anófeles, vetores da malária.

Cartaz Árabe Sobre a Malária



81 - Peça do Mês: Novembro 2019

Data

1946

Dimensões

A.105cm X L.72cm

Inventário

Museu: IHMT.0000751

Cartaz com impressão policromática, em papel colado sobre cartão.

Integra uma coleção de 12 cartazes árabes, relativos a higiene e cuidados básicos de saúde, com predominância de patologias tropicais.

Alusivo à malária, a imagem representa um mosquito a picar uma mão.

Os textos, em árabe, referem: no canto superior esquerdo – “Ministério da Saúde

Pública / Serviço de Saúde Social / Departamento de Promoção da Saúde”; à esquerda do mosquito, numa linha – “Assim ficará infetado pela malária”; a toda a largura, em duas linhas junto ao bordo inferior, - “Se matar os mosquitos, evita a doença e luta contra as causas de morte”, no canto inferior direito a identificação do autor e data: “Mofid Jaid / 1946”.

Centrifugadora Manual, Portátil



82 - Peça do Mês: Dezembro 2019

Data

c. 1940

Dimensões

A. 33cm X L. 15cm

Inventário

Museu: IHMT.0000588

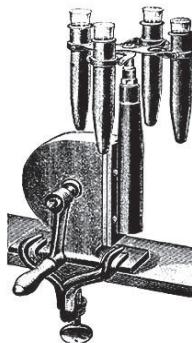
A aceleração centrífuga, utilizada para separar os diversos componentes de uma substância em estratos de densidades diferentes, é um processo antigo que, segundo alguns autores, remonta aos séculos XV-XVI. Contudo, foi a partir do século XIX que a técnica mais se expandiu, inicialmente utilizada para o leite e relacionada com as indústrias de laticínios.

Em 1864, o alemão Antonin Prandtl (1842-1909) aplicou sistematicamente a centrifugação para desnatar o leite. Destinada ao comércio, a máquina centrifugadora, manual, da família Prandtl, esteve patente na Exposição Mundial de Frankfurt, em 1875. Por essa época, em 1869, já o suíço J. Friedrich Miescher (1844 -1895) utilizara pela primeira vez a força centrífuga como técnica laboratorial de biologia, usando-a para separar os organitos celulares, num processo que seria fundamental para identificar os ácidos nucleicos. Em 1912 apareceu a primeira centrifugadora elétrica, o que permitiu ao sueco Theodor Svedberg (1884-1971) desenvolver a ultracentrifugação que, com os trabalhos de química dos colóides, viria a receber o Prémio Nobel da Química, em 1926.

A técnica da centrifugação não parou de se desenvolver: incrementou-se a velocidade, conjugou-se com o frio e diferentes temperaturas, com pressões variáveis, com o vácuo e associaram-se filtros que permitiram isolar vírus. Adaptou-se-lhes o controlo por microprocessadores.

Mesmo a energia atômica deve à centrifugação o seu desenvolvimento: Em 1950 o austro - alemão Gernot Zippe (1917-2008), com um grupo de outros cientistas internados num campo de prisioneiros da União Soviética, desenvolvem uma máquina de centrifugação que, além da velocidade elevadíssima utiliza o calor e campos magnéticos, para o enriquecimento e colheita do urânio - 235. Libertado em 1956, Zippe replicou a sua centrifugadora na Universidade de Virginia – EUA.

As centrifugadoras são equipamentos essenciais em qualquer laboratório, necessárias para executar desde o simples hematócrito até às análises mais complexas.



O exemplar que constitui a “Peça do Mês” é uma centrífugadora manual, portátil, para quatro tubos, que se fixa numa bancada. Foi utilizada nas campanhas do Instituto de Medicina Tropical.

Não possui qualquer elemento que permita identificar o seu fabricante e a data, mas assemelha-se às centrífugadoras manuais, utilizadas até meados do séc. XX.

FICHA TÉCNICA

Título

“PEÇAS DO MÊS” DO MUSEU DO IHMT 2013-2019

Autor

José Luís Doria

Equipa

Paula Saraiva

Maria João Santos

Rita Francês

Luís Marto

Coordenação

C.G.I.C. / IHMT

Agradecimentos

Gabinete de Informática / IHMT:

António Sá

Carlos Rodrigues

Gabinete de Comunicação / IHMT:

Ana Rocha

Sílvia Diegues

Ana Sofia Calaça

Serviços de Manutenção / IHMT:

Álvaro Pereira

Nelson Rodrigues

Jorge Martins

Colaboração Externa

João Miguel Couto Duarte

Edição

INSTITUTO DE HIGIENE E MEDICINA TROPICAL / UNL

Rua da Junqueira, 100

1249-008 Lisboa

Email: museu@ihmt.unl.pt

©2019

Dezembro 2019

DEZEMBRO 2019